

Ministério

Uma revista para pastores e obreiros

Março-Abril de 1999

O Sábado sem descanso



Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

ARTIGOS

9 O ADVENTISMO E A INSPIRAÇÃO

Uma compreensão adventista de inspiração bíblica.

16 CIENTISTA E TEÓLOGO

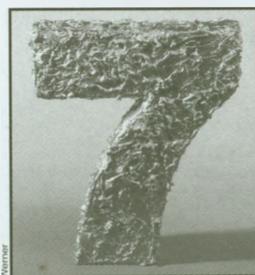
Obras de Isaac Newton mostram seu interesse pela teologia.

18 NARCISO E SANSÃO



O verdadeiro significado da existência só pode ser encontrado em Deus. Jamais no próprio eu.

21 SOB FOGO CRUZADO



Através dos tempos, o sábado tem sofrido ataques duríssimos. E eles se tornarão ainda mais intensos.

27 A CRISE DO DIVÓRCIO

Como aconselhar casais em processo de separação.



SEÇÕES

3 EDITORIAL

4 ENTREVISTA

7 AFAM

13 PONTO DE VISTA

25 IDÉIAS

30 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

31 LIVROS

Ano 70 – Número 02 – Mar./Abr. 1999
Periódico Bimestral

Diretor Geral: Wilson Sarli; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Editor:** Zinaldo A. Santos; **Revisoras:** Ildete Silva e Mercedes Campos; **Editor de Arte:** Wilson Almeida; **Diagramação:** Jobson Santos;
Colaboradores Especiais: Alejandro Bullón; José M. Viana; **Colaboradores:** Helder Roger C. Silva; Ivanando B. Oliveira; Izéas S. Cardoso; José S. Ferreira; Mário Valente; **Capa:** PhotoDisc

Visite o nosso site: www.cpb.com.br
Serviço de Atendimento Direto: saa@cpb.com.br
Redação: redacao@cpb.com.br
Ministério na Internet: www.mensagem.com/ministerio

Todo artigo, ou correspondência, para a revista *Ministério* deve ser enviado para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600; CEP 70279-970, Brasília, DF



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
EDITORA DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34, 18270-000 Tatuí, SP

Vida abundante



Pesquisas recentes na área da genética permitem ao ser humano alimentar o sonho de uma vida mais longa que a média habitual. Numa das últimas façanhas, o cientista James Thomson, da Universidade de Wisconsin, Madison, Estados Unidos, conseguiu manter em cultura células-tronco embrionárias, as *stem cells*. Pelo menos na teoria, com elas é possível fazer tecidos formadores do coração, fígado, medula óssea, glóbulos sanguíneos e toda a alvenaria humana. Dessa forma, acreditam os cientistas, será possível desenvolver tratamentos para quase todas as doenças causadas pela morte ou enfermidade das células.

Esse é apenas um dos muitos estudos em andamento, com o objetivo de colocar um ponto final em males como câncer, diabetes, Aids e obesidade. Evidentemente ainda existem algumas dificuldades a serem vencidas, mas é bom lembrar que em 1796, a média de vida era de 24 anos, em 1896 passou para 48 anos, e, em 1996, para 70. Com esses dados, há quem acredite na possibilidade de o ho-

mem viver 150 anos, até 2050, caso cheguemos até lá.

O sonho da eterna juventude é antigo e povoa a mente de todos nós. E o Senhor colocou à nossa disposição recursos naturais capazes de tornar a vida longa e saudável. Mas a manutenção da longevidade escapa ao nosso controle. Por isso mesmo devemos descansar confiantemente em Deus e trabalhar diligentemente em busca dos nossos objetivos pessoais, familiares e vocacionais. Especialmente nestes dias, quando a antiga busca da excelência é realçada em todos os setores da vida, através da expressão "qualidade total", precisamos empenhar-nos por uma existência mais abundante e frutífera, em todos os sentidos.

Jesus Cristo disse: "Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância" (João 10:10). Isso não significa vida pueril, meia vida, arremedo de vida. É vida total, plena. Nem sempre é avaliada pela extensão, mas pela qualidade. Aliás, nesse aspecto, o próprio Cristo é o exemplo máximo. Nasceu na obscuridade, teve infância e juventude caracterizadas pela simplicidade, e uma vida adulta marcada pela pureza de caráter. Foi uma existência curta – apenas trinta e três anos e meio – e tão marcada de realizações: curou, ensinou, aconselhou, abençoou, perdoou, compreendeu, aceitou pobres e ricos, atraiu marginalizados da sociedade, paradoxalmente sofreu rejeição, e morreu. Como diria Napoleão, "estabeleceu um império baseado no amor; e, hoje, milhões morreriam gostosamente por Ele".

A própria ordem da Natureza, em seus fenômenos mais singelos, parece nos ensinar que é a qualidade, não a extensão, que dignifica a vida. O espinho da roseira tem maior durabilidade, mas não espalha o mesmo bem de uma pétala. Também não é a aparência aos olhos dos homens que provará a qualidade da nossa

vida. O orvalho cai abençoando a terra, quando todos dormem. Na escuridão da noite, ninguém o louva; mas ele faz seu trabalho. Não podemos ver a brisa fresca, mas sentimos os benefícios que ela nos proporciona.

Quase nada se fala a respeito do alicerce de uma construção, embora muito seja dito sobre sua fachada. Esta, no entanto, não existiria sem aquele.

Portanto, a vida abundante, da qual Cristo falou, não é uma vida de ostentação egoísta, afetação e vaidade. Caracteriza-se pela simplicidade e pelo serviço altruísta. Todos os nossos atos devem revelar a constante perseguição do supremo objetivo da existência humana: glorificar a Deus e revelar Seu caráter ao mundo. Nisso devemos empregar o melhor das nossas faculdades físicas, intelectuais e espirituais. O segredo para o êxito nessa empreitada é a submissão irrestrita à vontade e ao plano de Deus para a nossa existência. Ele reserva para Si o total conhecimento desse plano, mas nos assegura que diariamente podemos nos deparar com o que de nós é requerido para aquele dia específico. Faz isso para que nossa confiança esteja inteiramente nEle, em vez de centralizar-se em nós mesmos. Está pronto a orientar em tudo o que contribua para que vivamos da melhor maneira, alegres em cumprir o Seu querer.

Não temos o direito a um viver fútil, banal, nivelado a quinquilharias. Nossa vocação é incomparavelmente nobre e elevada. Precisamos viver à altura dessa nobreza. Sendo a vida um dom de Deus, não importa quão extensa ou reduzida ela seja, deve ser vivida de maneira excelente, bem de acordo com a moldura construída pelo apóstolo Paulo: "Portanto, vede prudentemente como andais, não como néscios, e, sim, como sábios." (Efé. 5:15). – Zinaldo A. Santos.

Evangelismo com prazer

ZINALDO A. SANTOS

Poucas atividades ministeriais são tão carregadas de emoção e suspense como o evangelismo público. Quase nada se compara à alegria de enfrentar numa noite qualquer, em algum lugar, um auditório repleto de pessoas que pouco ou nada conhecem da Bíblia e do amor de Deus, e, depois de alguns meses, ver boa parte delas expressando sua entrega a Cristo através do batismo. É um milagre da graça. A importância dessa atividade no contexto da missão da Igreja continuará sempre inalterada.

Fazer evangelismo público, de modo efetivo, exige fé e consagração. Afortunadamente sempre houve pastores que se destacaram pela coragem e determinação com que realizaram esse trabalho, encaminhando perdidos a Jesus e implantando congregações que floresceram magnificamente. Um deles é o Pastor Reginaldo Kaffler, evangelista da União Sul-Brasileira. Servindo há 22 anos, ele foi obreiro bíblico, pastor distrital e evangelista no Estado de São Paulo, e há dez anos está na USB. De seu casamento com a obreira bíblica Ana Maria Calcidoni Kaffler, nasceram três filhas: Regiane, Liliane e Cristiane.

Durante uma semana de oração na Casa Publicadora Brasileira, o Pastor Reginaldo compartilhou preciosos conceitos sobre o evangelismo, na entrevista que segue.

Ministério: *O evangelista nasce feito, ou se faz?*



Pastor Reginaldo Kaffler

Pastor Reginaldo Kaffler: Evidentemente, há pessoas que nascem com uma tremenda facilidade de comunicação. Mas eu também acredito na atuação de Deus, através do Seu Espírito, outorgando dons especiais a um indivíduo. As duas coisas podem acontecer.

Ministério: *Qual foi o seu caso? Em que circunstâncias sentiu que era ou devia tornar-se um evangelista?*

Pastor Reginaldo: Geralmente, o obreiro sai do Seminário com a expectativa de assumir logo um distrito pastoral, e comigo não era diferente; mas tive o privilégio de iniciar na obra bíblica. O primeiro evangelista com quem trabalhei foi o Pastor Samuel Rodrigues. Na primeira noite em que fui ao auditório, vi o seu entusiasmo, a resposta vibrante do povo, e fui contagiado. Naquele momento senti que Deus me chamava para ser um evangelista. Pas-

sados 18 anos, posso dizer que é uma experiência maravilhosa. Nessa trajetória, tive o privilégio de ser usado por Deus mais diretamente na conquista de pessoas para Cristo. A maior gratificação para um pastor é ver pessoas que não tinham um Deus para crer, sem um cântico de esperança, encaminhadas ao evangelho.

Ministério: *Que qualidades o senhor destacaria num evangelista de sucesso?*

Pastor Reginaldo: A principal qualidade é a paixão pelas almas. Olhar para o ébrio atirado na sarjeta, para o fumante inveterado ou para a meretriz, e ver neles pessoas pelas quais Deus deu a própria vida. Imaginá-las vestidas não apenas com

a beca do batismo, mas com as vestes da justiça de Cristo. Amar esses indivíduos quando ainda estão maltrapilhos, exalando mau cheiro, perturbando a ordem, antevendo o momento em que eles oficializarão sua condição de cidadãos do reino.

Ministério: *E em termos de estilo, deve o evangelista ser erudito ou popular?*

Pastor Reginaldo: O evangelista tem de alcançar o coração e a mente de todos os ouvintes, qualquer que seja a origem, o nível social, intelectual, cultural e econômico que os caracterize. Eu tenho como referencial as crianças. Gosto de me perguntar, depois da palestra: as crianças entenderam o que falei? Será que elas captaram o que ensinei? Se a resposta for positiva, vou dormir tranquilo e feliz, porque se elas tiverem dado mostras que entenderam, as demais pessoas também enten-

deram o assunto. Se eu chego à conclusão de que, depois de uma análise fria do tema apresentado, as crianças não entenderam nada, fico preocupado e até frustrado. É importante que os ouvintes entendam a mensagem, pois a partir daí vão fazer escolhas.

Ministério: *Alguns dizem que o evangelista é uma espécie em extinção. Isso é verdade?*

Pastor Reginaldo: Acredito que não. Os nossos Seminários têm voltado sua atenção para o evangelismo. Os alunos do terceiro ano de Teologia são enviados aos Campos, onde passam três meses trabalhando com um evangelista. E posso lhe garantir que muitos saem para esse estágio apenas para cumprir o programa curricular. Mas ao terminar o período, mudam a concepção. Alguns me dizem: "eu quero ser um evangelista." E, de fato, muitos que estão hoje atuando na área são fruto desse plano. Ao contrário de extinção, está surgindo uma nova geração.

Ministério: *Mas parece que no passado o evangelismo público ocupava um lugar mais destacado entre os meios de trazer pessoas para a Igreja. Hoje, a impressão é um pouco diferente. O que está acontecendo?*

Pastor Reginaldo: A observação é pertinente, mas o fator é positivo. O que se vê é a abertura de outras frentes de trabalho. Antes, canalizava-se muita expectativa para o evangelismo público e para o evangelista, que era a estrela. Hoje, existem as campanhas de decisão, denominadas Revive, o evangelismo interativo do rádio, programas de televisão, etc. A Igreja está tirando o melhor partido da variedade de dons do Espírito. Em lugar de haver uma frente de trabalho exponencial, há várias frentes.

Ministério: *Quais os maiores desafios que o senhor tem encontrado em seu trabalho de evangelista?*

Pastor Reginaldo: Alcançar a classe média alta é um desafio antigo. Não há dúvida de que para conseguir êxito entre pessoas desse nível precisamos revisar alguns métodos. Por exemplo, montar um auditório móvel num bairro nobre não é atrativo. E mais: não podemos nos impressionar com os números finais de uma campanha assim. Uma administração não pode se sentir decepcionada com os resultados quantitativamente li-

mitados de um programa desenvolvido na classe alta. Uma coisa é a resposta da periferia, outra coisa é a resposta da região nobre de uma cidade. A expectativa numérica é o tendão de Aquiles da evangelização de classes altas.

Ministério: *A realidade, porém, é que a sobrevivência de um evangelista sempre esteve relacionada a resultados numéricos expressivos e imediatos.*

Na Obra de
Deus
não há lugar
para
indolentes
e ociosos.

Pastor Reginaldo: Pois eu lhe digo que nunca tive um presidente que me pressionasse por números de batismos numa conferência. Já realizei campanhas com resultados fantásticos e outras que poderiam ser consideradas um fracasso. Mas em meio ao sentimento de derrota e frustração, sempre tinha uma palavra de força e de encorajamento do meu presidente. A pressão numérica numa campanha evangelística é uma tragédia que inclusive inibe o surgimento de novos evangelistas. Ora, a decisão consciente de uma pessoa escapa ao nosso controle. Nossa tarefa é lançar a semente: o processo de germinação está além da nossa capacidade. Quando um evangelista vai para o trabalho com o pensamento de que se não batizar é um fracassado, ou que se constitui um peso nas finanças do Campo, a campanha já está fracassada. Ele precisa estar tranqüilo para fazer seu trabalho, e terminá-lo em paz consigo mesmo, certo de que o resultado foi o que Deus lhe proporcionou. Se batizou 200 ou 20, não importa. Deve ter feito o seu melhor, nem uma vírgula a mais ou a menos, nos dois casos.

Ministério: *Mesmo o pastor distrital, em muitos casos, é avaliado dessa maneira. Isso é justo?*

Pastor Reginaldo: Não, em hipótese alguma. Às vezes certos líderes são um pouco limitados quanto a elaborar um programa de trabalho consistente, motivar e inspirar seu grupo a segui-lo. Então usam a pressão sobre números como arma de cobrança. Quando os números são alcançados, eles se sentem satisfeitos, imaginando erroneamente terem feito um grande trabalho. Isso é uma tragédia, porque muitos acabam machucados e frustrados. O pastor tem de ser avaliado no seu todo, como pastor. É claro que o pastor precisa ter um programa ousado de trabalho, abrangente em todas as áreas. Na Obra de Deus não há lugar para indolentes e ociosos, assim como não há lugar para quem olha os frutos do sangue de Cristo como mercadoria e números frios.

Ministério: *O que fazer para mudar essa mentalidade?*

Pastor Reginaldo: O administrador tem de calçar os sapatos do evangelista, tornando-se um sofredor com ele; entender o seu coração. Quem mais está ansioso para colher o maior número de batismos possível é o evangelista. Então os líderes precisam ter uma mentalidade positiva que lhes permita, em lugar de exercer pressão, mover suas equipes pela inspiração. Quando isso acontece, o evangelista sente-se estimulado para ir a qualquer lugar, independente das dificuldades.

Ministério: *É possível harmonizar o evangelismo público com as atividades de liderança de um distrito?*

Pastor Reginaldo: Não podemos obrigar o pastor distrital a fazer evangelismo público. O que envolve obrigação já tira um pouco do prazer. Por isso ele deve ser motivado de uma forma agradável a amar as pessoas como candidatas ao reino celestial; de tal maneira, que possa ver no evangelismo a solução mais saudável para alcançar a missão sublime de encaminhá-las a Jesus. Quando o pastor entende que o evangelismo público é um recurso à sua disposição para inseri-lo neste plano divino, sem que esteja sob olhos de pressão e imposição, ele encontra tempo e alegria para fazer o trabalho. É muito importante que o pastor realize seu evangelismo público. É possível planejar o programa anual de tal modo que dedique umas 30 a 45 noites para fazer uma cam-

panha. Isso é suficiente, pois há outras áreas de trabalho que necessitam de sua assistência direta na administração de suas congregações. E digo mais, além dos resultados que colherá em termos de novos conversos e igrejas, conseguirá também maior admiração dos membros de suas congregações. Os irmãos gostam de ver seu pastor identificado com a missão. E ele deverá ser sábio para envolver os membros como seus auxiliares numa campanha.

Ministério: *O pastor distrital enfrenta o problema de não ter muitos recursos para realizar uma campanha de evangelismo público.*

Pastor Reginaldo: Quando o tesoureiro tem mentalidade evangelística, não há entrave. Muitos tesoureiros trabalham com prudência, equilibrando as finanças, mas enxergam o evangelismo como uma prioridade da Igreja. Nesse caso, quando o pastor apresenta seu projeto, ele é bem aceito e, normalmente, recebe alguma ajuda. Dou graças a Deus porque sempre trabalhei com tesoureiros missionários. O tesoureiro da União Sul, Pastor Marino Oliveira é um incentivador do evangelismo. Mas imaginemos que haja alguma dificuldade em se conseguir dinheiro. Então o pastor pode dialogar com o evangelista do Campo e poderá receber alguma ajuda em material. Em último caso, a igreja local, através de irmãos generosos e de poder aquisitivo maior, também pode financiar uma campanha.

Ministério: *Muitas pessoas já associaram o evangelismo público à apostasia. Como o senhor vê esse problema?*

Pastor Reginaldo: Quando uma campanha é feita, se não houver, por parte de quem a lidera, o capricho de deixar o melhor da equipe no local, durante a fase de continuidade, realmente o risco de apostasia é grande. Porque os recém-batizados têm conhecimento teórico, mas ainda não têm raízes. Depois, deixaram seu ambiente, círculo social, família, amigos, estilo de vida, e vêm para a igreja que, às vezes, não os recebe com o devido entusiasmo. Então, começam a se sentir isolados, estranhos; além dos problemas que enfrentam nesse estágio, relacionados com emprego, estudo aos sábados, etc. Não têm raízes para suportar tudo isso sozinhos. Mas quando a igreja cumpre a sua missão de pagar esses novos membros, o problema quase não existe. A igreja deve procurar integrar os

novos membros na comunidade, para que eles fiquem consolidados. E há outro detalhe: às vezes damos por apostatadas pessoas que continuam fiéis em outro lugar. Sei do caso de um irmão que precisou mudar de cidade porque, recém-batizado, perdeu o emprego por causa do sábado e foi procurar trabalho em outro lugar. Achou emprego e ali permaneceu com sua família; mas a outra igreja imaginava que tinha apostatado.

Ministério: *Muitas congregações aparentemente vêm o evangelismo como uma coisa do Campo e ficam à margem de uma campanha. Como é possível envolver a igreja?*

Quando a igreja
cumpre o seu
papel de pagar
os seus
conversos,
quase não existe
apostasia.

Pastor Reginaldo: A igreja precisa ser envolvida numa campanha de evangelismo público, até em virtude do que acabamos de falar, isto é, os problemas que podem aparecer depois, no período da conservação. Ao estarem envolvidos durante a campanha, os irmãos criarão laços com os novos conversos, conhecerão sua história e certamente os amarão. Quando o evangelista for embora o novo converso já possuirá ambiente na congregação. Agora a igreja precisa ser orientada a não assumir atitudes que despertem preconceitos. Às vezes, perdemos famílias preciosas porque alguém achou que deveria dizer alguma verdade antes do tempo certo. Então a igreja precisa ser motivada, orientada e treinada em todos os meandros do evangelismo. Muitos podem participar em programas

de saúde, distribuição de literatura, recepção, ornamentação, música, etc.

Ministério: *Como é evangelizar o sul do Brasil?*

Pastor Reginaldo: A região sul é um desafio peculiar. Há locais de forte ascendência européia, cujo acesso não é muito fácil. Mas Deus nos tem abençoado, possibilitando resultados maravilhosos também. Mas volto a bater na tecla preocupante: não podemos alimentar expectativas numéricas altas. É necessária a conscientização de que estamos trabalhando para Deus, que olha para uma pessoa com o mesmo amor com que contempla milhares. E isso nos motiva a procurar alcançar o máximo. Se você pensar em números, está fracassado. Mas se pensar em pessoas pelas quais Cristo morreu e que devem conhecê-Lo, então você as encontrará e se sentirá realizado e feliz. Posso dizer que nesse contexto a União Sul está de parabéns. A participação é total. Não faz muito, toda a equipe da União se deslocou para Joinville, SC, onde com a equipe do Campo local se envolveu numa campanha que culminou com o Revive, e o batismo de 400 pessoas. É nesse tom que a Igreja vai marcando presença em lugares impensáveis anos atrás. E continuamos firmes no propósito de alcançar as regiões ainda sem a presença adventista. No Rio Grande do Sul, há muitos municípios nessa situação. O evangelismo interativo do rádio está fazendo um trabalho fantástico. De mãos dadas, cumprimos os ideais da Missão Global.

Ministério: *Uma mensagem especial para os leitores.*

Pastor Reginaldo: O evangelismo público jamais perdeu o seu lugar de importância, como plano de alcançar multidões com a mensagem salvadora de Cristo. É um método que não deve ser descartado, embora haja riscos de incompreensões, oposição e frustrações. Uma experiência pode ser vitoriosa, no sentido de números expressivos, e outra não. O apóstolo Paulo também experimentou isso. Mas devemos assumir a missão e estar agradecidos a Deus pelos resultados que forem alcançados. Então, preguemos a Palavra "a tempo e fora de tempo", enquanto temos oportunidade, "pois a noite vem, quando ninguém pode trabalhar". Os resultados serão como estrelas que brilharão sempre e eternamente no reino da glória.

Preserve este milagre

SHARON CRESS

Diretora da Área Feminina da Associação Ministerial, da Associação Geral da Igreja Adventista



Divulgação

É um milagre. Duas pessoas tornarem-se uma; e, depois, três. Deus toma o amor de um homem e uma mulher e o faz gerar vidas. Pai e mãe multiplicam-se num bebê, tornando-se uma família viva e amorosa.

Sim, é um milagre a maneira como uma família vem à existência. E num mundo de alienação e fragmentação como é o nosso, também é um milagre a manutenção da família. Estamos falando de algo mais que viver com o mesmo sobrenome e sob o mesmo teto. Webster define a palavra família como um grupo de pessoas unidas por certas convicções ou uma associação comum. Mas Deus espera mais que isso no lar cristão.

Mais que uma associação mútua, as famílias cristãs partilham uma fé comum num Cristo refletido através de um vínculo de compromissos mútuos. Essa fé e esse compromisso são a cola que sustenta unido o lar e mantém a igreja unida. Afinal, a igreja será forte na proporção em que suas famílias sejam unidas.

Os adventistas do sétimo dia conside-

ram o lar cristão de tal maneira importante para Deus, e vital para a sua Igreja, que uma de nossas 27 crenças fundamentais define o casamento como "divinamente estabelecido no Éden e confirmado por Jesus, como uma união vitalícia entre um homem e uma mulher em amoroso companheirismo".

O início

Vamos fazer uma viagem de volta ao jardim do Éden. É uma bela tarde de sexta-feira. Adão, o primeiro homem, está explorando as maravilhas de seu lar paradisíaco. Ele está deslumbrado com a emocionante beleza que contempla. Luxuriantes prados verdes, bordados por multicoloridas flores silvestres. Fragrantes matas, riachos gargarejantes, límpidos rios correndo em seus leitos e transformando-se em magníficas cachoeiras.

De todas as maravilhas criadas, os seres vivos são os que mais chamam a atenção de Adão. Amistosos leões que rugem quando ele acaricia sua juba; pássaros entoando canções de louvor; gigantescos elefantes. Todos os animais são seus amigos, mas Adão compreende que ele é diferente; e não é porque seja o único criado à imagem de Deus. Adão é diferente porque é o único que não tem companhia, como todos os animais. E começa a sentir solidão. Embora gloriosamente criado, sente-se incompleto.

Posso imaginar Adão discutindo seus sentimentos com Deus, que lhe assegura compreender muito bem sua necessidade de companhia. E, subitamente, nosso primeiro pai começa a sentir sono. Enquanto ele boceja, tem dificuldade de manter os olhos abertos; e sua cabeça acaba reclinando suavemente nos braços de Deus. Imagino também Deus sorrindo diante da surpresa que planejou, enquanto carinhosamente estende Adão

sobre a relva e faz a primeira intervenção cirúrgica da História.

Quando Adão desperta, vê o ser mais encantador que poderia desejar ao seu lado: uma mulher. Deus Se dirige aos dois, colocando-os lado a lado, e, enquanto ambos estão unidos num deleitoso abraço, declara-os marido e mulher. Esse foi o início do casamento cristão. Deus sabia que não era bom para o homem permanecer só; e deu-lhe Eva, uma esposa para que se tornassem uma unidade. Essa unidade de companheirismo é refletida na própria natureza do Criador, através da Trindade divina (Gên. 1:1-3; Col. 2:9 e 10).

Ruína e restauração

Adão e Eva poderiam viver felizes sempre, um com o outro e ambos com o Senhor, mas você sabe o que aconteceu depois. Quando o pecado invadiu o paraíso, causou uma ruptura no relacionamento familiar. Marido e mulher voltaram-se um contra o outro (Gên. 3:12). Também romperam seu relacionamento com Deus, ocultando-se de Sua presença (v. 8). Magoado pela alienação causada pelo pecado, Deus agiu para restaurar a unidade com Seus filhos, existente na Criação. O Verbo Se fez carne, para viver entre nós e restabelecer a comunhão. Não apenas restabelecer nosso relacionamento individual com Ele, mas também com o semelhante, restaurando a conexão familiar. E, além disso, Cristo veio formar uma corporação de famílias conhecida como igreja.

Na noite que antecedeu a Sua morte, Jesus reuniu Seus discípulos para a ceia pascal e lavou-lhes os pés para criar um espírito de comunhão. Então abriu Seu coração ao Pai em favor do Seu povo, orando: "para que eles sejam um, assim como nós." (João 17:11). Nessa prece Ele incluía toda a igreja do final dos tempos: "Não rogo somente por estes, mas também por

aqueles que vierem a crer em Mim, por intermédio da sua palavra; a fim de que todos sejam um; e como és Tu, ó Pai, em Mim e Eu em Ti, também sejam eles em Nós." (Vs. 20 e 21).

Jesus fez o sucesso de Sua missão evangelística dependente do espírito de comunhão visto entre Seus seguidores; sua experiência de unidade corporativa nEle. Igualmente declarou ser essa demonstração um teste de Seu êxito pessoal como o Messias: "Eu neles e Tu em Mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo creia que Tu Me enviaste, e os amaste como amaste a Mim." (V. 23)

Após essa oração intercessória, Cristo desceu ao vale e cambaleou no Getsêmani, onde Sua eterna unidade com o Pai foi deixada de lado. Como o representante da raça humana caída, Ele tinha de permanecer firme onde Adão falhou, experimentando a separação do Pai, resultante do nosso pecado.

Duas peças de madeira foram utilizadas na confecção da cruz na qual foi pregado. Na coluna vertical, o corpo de Jesus foi erguido numa direção que ligava a Terra ao Céu, reconciliando a humanidade com Deus. No travessão horizontal, Seus braços abertos uniam-nos com nossos semelhantes. No ponto onde as duas peças se juntavam, o coração do Salvador estancava e Ele morria. Assim fazendo, Ele "aboliu na Sua carne a inimizade... para que criasse em Si mesmo um novo homem, fazendo a paz" (Efés. 2:15). A humanidade redimida em Cristo – é a oferta salvadora do evangelho. E a unidade da família cristã é prova do que isso significa.

A palavra família evoca imagens variadas. Para alguns, a palavra representa pais e crianças reunidos na sala, ao redor da mesa, ou ao pé de uma fogueira, celebrando o amor que os une e aos demais familiares. Para outros, a noção de família traz amargas recordações, imagens tristes, as quais tentam esquecer. O que faz a diferença? Falando de maneira prática, como podem nosso casamento e nossas famílias cumprir os propósitos originais de Deus para o lar, e apreciar os benefícios que Ele imaginou?

Princípios

Essas indagações podem ser respondidas através da consideração de alguns princípios que tornam feliz a família.

Desejo mútuo. Deus poderia multiplicar a espécie humana sem criar macho e fêmea. Mas em Sua sabedoria Ele viu que

a ligação básica poderia não ocorrer se nós fôssemos únicos e independentes. Assim, fomos criados para necessitar de alguma coisa que só o outro sexo possui. Desde o Éden, macho e fêmea são mutuamente essenciais. A sociedade moderna desconsidera em grande parte esse princípio. Preconceito e discriminação, entre outros males, têm levado muitos homens e mulheres à luta por superioridade. É um triste fato que a competição vista fora do círculo familiar, nas atividades profissionais, no esporte e outros aspectos da vida secular, seja refletida no sagrado relacionamento conjugal.

Entrega completa. O princípio bíblico é deixar para trás qualquer outro relacionamento, seja com os pais, outros interesses amorosos, ou qualquer laço que poderia atrapalhar uma completa entrega ao cônjuge. A palavra hebraica traduzida como "unir", é derivada de outra cujo significado é "fixar, ligar, grudar, segurar em". Depois de Cristo, existe apenas uma pessoa na Terra com quem devemos ter esse tipo de relacionamento: nosso cônjuge.

Muitos problemas conjugais surgem porque uma das partes às vezes escolhe uma terceira pessoa como confidente. O primeiro passo em direção à intimidade sexual extraconjugal é partilhar fantasias e problemas que somente poderiam ser comentados com o cônjuge. Intimidade é a cola que mantém unido o casal; e comentar a seu respeito livremente com amigos, distribui a cola entre diferentes relacionamentos.

Expressão de amor. Aproveite cuidadosamente cada oportunidade para demonstrar amor. E não poupe maneiras de expressá-lo. Todos nós diferimos quanto à forma em que necessitamos amor e demonstração de apreço. Seja como for, sempre necessitamos de uma das seguintes manifestações: amor falado, ou expressão verbal de apreciação; toque de amor (abraço, segurar as mãos, carícias); investimento de tempo em algo importante para o cônjuge; um presente de amor, algo que tenha um significado especial, não necessariamente caro.

Armadilhas perigosas

Ao mesmo tempo em que implementamos esses princípios para tornar feliz o nosso lar, devemos evitar certas armadilhas:

Sobrecarga de trabalho. Nossa dedicação ao trabalho não deve ser exagerada de modo que cheguemos em casa exaustos, tensos ou desanimados. Casais que exercem duas atividades, cuidam de crianças,

estudam à noite, entre outras, freqüentemente se encontrarão apenas quando estão muito cansados para desfrutar o melhor relacionamento. Isto é, dedicam ao outro apenas o resto do tempo. Lembre-se de que é essencial priorizar o cônjuge, colocando-o sempre como item número um dos seus compromissos.

Ciladas financeiras. Competir com vizinhos ou colegas de trabalho, para ter tudo o que eles têm leva-nos à mesma armadilha do excesso de trabalho. Muitos cônjuges que tentam possuir tudo, enlaçados pelo consumismo característico da época, acabam não tendo nada; até porque, nesse processo, também podem perder o parceiro.

Deixar e unir. Voltemos ao princípio anteriormente mencionado, de entrega completa, segundo o qual devemos deixar pai e mãe e assumir o relacionamento com o nosso cônjuge. Mas é interessante notar que a Bíblia especifica que o homem deve deixar sua família e unir-se à sua mulher. Com os dados psicológicos que possuímos hoje, a respeito da importância do relacionamento e da unidade entre mãe e filho, concluímos que Deus previu, implicitamente nessa ordem, a necessidade de o filho se tornar o elo entre sua mãe e sua esposa. Jamais deveria alienar, pelo menor gesto, a folclórica refrega entre noras e sogras.

Invasão de privacidade. Respeite cada um o espaço do outro. Não sufoque o parceiro com demonstrações de ciúme ou promoção de baixa auto-estima. Em virtude das diferenças de personalidade, cada um necessita uma diferente quantidade de espaço pessoal. Esteja seguro de não estar invadindo essa privacidade.

Jóias do paraíso

O casamento e o sábado são duas jóias do Éden que ainda permanecem, para nosso deleite. As duas instituições são presentes de Deus, e têm sido implacavelmente atacadas pelo inimigo. Mas, através de Cristo, ainda podemos experimentá-las em sua forma mais pura e deleitosa.

Temos o período sabático apenas um dia durante a semana; mas nossa família está conosco todos os dias. Preservá-la unida não significa apenas viver juntos sob o mesmo teto, mas em unidade de espírito. Isso requer abundante graça e sábia direção divinas. Que Ele nos ajude a valorizar a família como Ele mesmo o faz, de modo que possamos ser um com Ele e um com nosso cônjuge.

O adventismo e a inspiração

ALBERTO R. TIMM

Ph.D., diretor do Centro de Pesquisas Ellen G. White, do Brasil, e professor de Teologia Histórica no Seminário Adventista Latino-americano de Teologia, Engenheiro Coelho, SP



Divulgação

Provavelmente nenhum componente da fé cristã tem sido tão debatido nos dois últimos séculos como a natureza e a autoridade das Escrituras. Havendo perdido sua confiança na Bíblia, muitos cristãos modernos e pós-modernos não mais a consideram como a “única regra de fé e prática”. Sua confiança básica está fundamentada em algum elemento humano específico, ao qual as Escrituras são acomodadas. Enquanto os assim chamados conservadores da extrema-direita tentam manter a Bíblia presa a suas tradições humanas (tradicionalistas), os liberais da extrema-esquerda procuram reler as Escrituras da perspectiva da razão humana (racionalistas), ou da experiência pessoal (existencialistas), ou da cultura moderna (culturalistas). Esses elementos são considerados não apenas como mais autoritativos do que os escritos inspirados, mas até mesmo como o

padrão adequado a ser usado para “corrigir” o conteúdo da Bíblia.

Deus suscitou a Igreja Adventista do Sétimo Dia, em meio aos desafios “desses últimos dias” (II Tim. 3:1), para restaurar e enaltecer a autoridade de Sua Palavra.¹ Lamentavelmente, porém, o cumprimento dessa missão tem sido seriamente debilitado, em alguns círculos, pela aceitação das mencionadas acomodações da Escritura. Isso significa que a identidade de nossa denominação está sendo desafiada hoje não apenas por forças externas, mas também por algumas vozes internas empenhadas em promover tais acomodações.

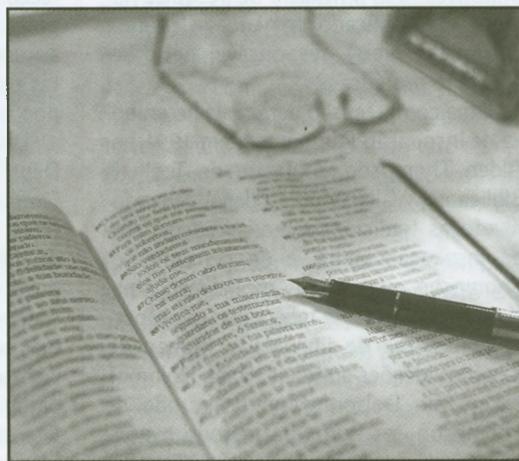
Embora os adventistas do sétimo dia tenham escrito extensivamente, durante os últimos 150 anos, sobre o assunto da inspiração, nossa tarefa ainda não está concluída. Como formadores do pensamento da Igreja, devemos não apenas afirmar claramente nossa confiança na Bíblia como a palavra de Deus, mas também responder efetivamente aos novos desafios que tentam solapar a fé dos membros de nossas igrejas. Ao tratar das muitas questões relacionadas com este assunto, jamais deveríamos nos esquecer 1) da natureza sinfônica da inspiração, 2) do escopo todo abrangente da inspiração, e 3) de uma abordagem respeitosa para com os escritos inspirados. Esses três componentes, creio eu, deveriam funcionar realmente como diretrizes básicas em todos os nossos estudos relacionados com a natureza e a autoridade das Escrituras.

Natureza sinfônica

Muitas controvérsias adventistas sobre inspiração se devem à tendência tradicional de considerar os escritos inspirados como o produto de uma teoria específica “monofônica” de inspiração. Essa atitude

gerou uma clássica polarização sob os rótulos de inspiração verbal, de um lado, e de inspiração de pensamento, do outro.

Para superar as limitações dessa abordagem, vários autores adventistas têm proposto algumas compreensões mais “sinfônicas” e multiformes de inspiração.² Uma das primeiras foi a controvertida teoria dos “graus” de inspiração, promovida nos anos 1880 por Uriah Smith e George I. Butler. Assumindo que a inspiração divina varia de acordo com as fontes originais de informação a serem transmitidas, Smith argumentou em 1883, em uma carta (22/03/1883) a D. M. Canright, que os es-



critos de Ellen White eram compostos pelas “visões” genuinamente inspiradas e pelos “testemunhos” não inspirados. No ano seguinte, Butler sugeriu, em uma série de dez artigos na *Review and Herald*, a partir de 08/01/1884, que todo o conteúdo da Bíblia podia ser classificado sob cinco diferentes “graus” de inspiração e de autoridade, que oscilam dos escritos considerados por ele como inspirados no mais alto grau aos que ele “difícilmente poderia chamar de inspirados”. Essas noções, apesar de aceitas por muitos membros, foram severamente criticadas por Ellen White³ e por uma Lição da Escola Sabatina dos Adul-

tos,⁴ pelo fato de sugerirem um cânon artificial dentro das Escrituras.

Digno de nota foi também a tentativa de Uriah Smith, na *Review*, de harmonizar as teorias de inspiração verbal e de pensamento, propondo que, se as palavras da Escritura "foram ditas diretamente pelo Senhor", então "as palavras são inspiradas". Se as palavras não vieram diretamente do Senhor, então "as palavras podem não ser inspiradas", mas apenas "as idéias, os fatos e a verdade transmitidos por essas palavras".⁵ Não consegui encontrar qualquer reação específica a essa proposta.

Novas tentativas significativas de distanciamento de uma compreensão "monofônica" de inspiração foram feitas somente nos anos 1980 e 1990, quando George Rice, Alden Thompson e Juan Carlos Viera expuseram seus diferentes modelos de inspiração. Detendo-se mais com a questão da obtenção das informações proféticas do que com seu efetivo processo de transmissão, Rice, então professor de Novo Testamento na Universidade Andrews, sugeriu a existência dos dois seguintes modelos de inspiração: 1) o modelo profético de revelação divina (visões e sonhos), que explica os escritos proféticos, e 2) o modelo de pesquisa humana exemplificado por Lucas (leitura e entrevistas orais), responsável pelas seções não proféticas.⁶

Uma compreensão bem mais heterodoxa de inspiração foi proposta em 1991 por Alden Thompson, professor de Teologia Bíblica no Walla Walla College.⁷ Abandonando as tradicionais teorias adventistas de inspiração verbal e de pensamento, Thompson propôs um "modelo encarnacional" que pudesse reconciliar um espectro mais amplo de dificuldades humanas e de acomodações culturais. Frank Holbrook e Leo Van Dolson viram no estudo de Thompson "os frutos do método histórico-crítico", considerado pelo Concílio Anual da Associação Geral, de 1986, como inaceitável aos adventistas.⁸

O conceito de modelos de inspiração foi desenvolvido ainda mais em 1996 por Juan Carlos Viera, diretor do *Ellen G. White Estate*, num artigo publicado pela *Adventist Review*.⁹ Enquanto Rice havia falado apenas de dois modelos, Viera sugeriu seis: 1) o modelo visionário, no qual Deus fala "por meio de visões e sonhos proféticos"; 2) o modelo testemunhal, no qual Deus inspira "o profeta a dar seu próprio relato das coisas vistas e ouvidas"; 3) o modelo historiográfico, no qual a mensagem "não vem por meio de

sonhos e visões, mas através da pesquisa"; 4) o modelo de aconselhamento, no qual "o profeta atua como um conselheiro para o povo de Deus"; 5) o modelo epistolar, no qual "o profeta escreve saudações, nomes, circunstâncias ou mesmo coisas comuns que não requerem uma revelação especial"; e o modelo literário, no qual "o Espírito Santo inspira o profeta a expressar seus sentimentos e emoções íntimos por meio de poesia e prosa, como nos salmos".

Esses modelos de inspiração refletem a crescente tendência de definir inspiração como um processo multiforme, envolvendo a assistência divina não apenas na transmissão das verdades proféticas, mas também na obtenção das informações. Da perspectiva da obtenção de informações acuradas, pode-se falar genuinamente da existência de modelos de revelação-inspiração. Mas no âmbito da transmissão fidedigna de informações, a discussão se restringe à interação divino-humana na própria redação das Escrituras. Essa interação é explicada na seguinte declaração de Ellen White: "Se bem que eu dependa tanto do Espírito Santo para escrever minhas visões como para recebê-las, todavia as palavras que emprego ao descrever o que vi são minhas, a menos que sejam as que me foram ditas por um anjo, as quais eu sempre ponho entre aspas."¹⁰

Disso podemos inferir que, embora Deus tenha falado através dos profetas "muitas vezes e de muitas maneiras" (Heb. 1:1), todo o processo de obtenção de informações e de sua transmissão ao povo foi controlado pelo Espírito Santo. Além disso, enquanto a redação de algumas partes dos escritos inspirados foi divinamente provida, as palavras de outras partes foram escolhidas pelo próprio profeta sob a orientação do Espírito Santo. Mas isso jamais deveria ser usado como um endosso à teoria dos graus de inspiração, ou como um pretexto para desprezar certas partes das Escrituras como menos importantes do que outras (ver Mat. 4:4; II Tim. 3:16 e 17). De acordo com Carlyle B. Haynes, as Escrituras são muito "mais do que um relato não inspirado de idéias inspiradas".¹¹

Escopo todo abrangente

Um segundo tema que tem suscitado algumas discussões significativas é a extensão temática da confiabilidade dos escritos inspirados. Embora os adventistas tradicionalmente enfatizem a confiabilidade

de de todas as diferentes áreas do conhecimento abordados nesses escritos, várias tentativas têm sido feitas para limitar essa confiabilidade a questões de salvação.

Já em 1884, George I. Butler sugeriu a existência de diferentes níveis de confiabilidade dentro da Escritura, que ele considerava como diretamente dependentes de seus vários graus de inspiração. Para ele, as Escrituras "são autoritativas na proporção dos graus de inspiração", e são perfeitas apenas na medida em que são necessárias para alcançar o propósito para o qual foram dadas – tornar-nos sábios "para a salvação" (II Tim. 3:15).¹²

Porém a mais influente declaração rumo a um conceito de confiabilidade limitado à salvação tem sido a afirmação de W. C. White, em 1991, de que sua mãe (Ellen White) "nunca pretendeu ser autoridade em História". Embora no ano seguinte ele explicasse mais claramente: "mamãe nunca desejou que nossos irmãos os [seus escritos] considerassem como uma autoridade no tocante a pormenores da História ou de datas históricas".¹³ O conceito de que os escritos inspirados não podem ser considerados como autoritativos em questões que não sejam salvação tem sido ecoado por vários outros autores adventistas.

Por exemplo, no Concílio de Professores de Bíblia e de História, em Washington DC, em 1919, o presidente da Associação Geral, Arthur G. Daniells, afirmou que Ellen White "nunca pretendeu ser autoridade em História" ou "professora dogmática de teologia", e que ela nunca considerou suas "citações históricas" como infalíveis.¹⁴ A despeito das fortes reações a essas palavras naquela ocasião, e de essa idéia não ser apresentada na literatura adventista pelo menos durante as três décadas seguintes, a controvérsia sobre o assunto ainda não cessou. As divergências sobre a extensão da confiabilidade dos escritos inspirados realmente aumentaram desde o início de 1970.

Crucial em toda essa discussão é o inter-relacionamento entre o conteúdo dos escritos inspirados e o seu propósito último. Não resta qualquer dúvida de que o propósito principal da Escritura é a salvação dos seres humanos (João 5:39). Mas a verdadeira questão é: Podemos isolar algumas partes cronológicas, históricas e científicas da Escritura de seu total propósito salvífico? Deveríamos desenvolver, realmente, um cânon soteriológico de inspiração dentro do cânon geral da Bíblia, semelhante ao princípio hermenêutico cristológico

gico de Martinho Lutero? Não quebraria essa abordagem a unidade da Palavra de Deus? Se levarmos em consideração o que a Bíblia diz a seu próprio respeito, descobriremos que as Escrituras possuem uma natureza todo abrangente, formando uma unidade indivisível (Mat. 4:4; Apoc. 22:18 e 19), e apontando para o mesmo alvo soteriológico (João 20:31; I Cor. 10:11). Além disso, a salvação é descrita nas Escrituras como uma ampla realidade histórica, relacionada a todos os demais temas bíblicos. E é precisamente esse inter-relacionamento temático geral que torna quase impossível para alguém falar das Escrituras hebraico-cristãs em termos dicotômicos ocidentais, como confiáveis em alguns assuntos e não em outros.

Uma vez que o propósito primário da Bíblia é desenvolver fé para a salvação (João 20:31), suas seções históricas, biográficas e científicas provêm, muitas vezes, apenas as informações específicas, necessárias para atingir esse propósito (João 20:30; 21:25). Apesar de sua seletividade em algumas áreas do conhecimento humano, isso não significa que as Escrituras não sejam confiáveis nessas áreas. Pelo contrário, é apenas na inspirada Palavra de Deus que encontramos, de acordo com Ellen White, "um relato autêntico da origem das nações", e "a história de nossa raça, não maculada do orgulho e preconceito humanos". A mesma autora considerava a Bíblia também como a "norma infalível" pela qual as "idéias científicas do homem" deveriam ser provadas.¹⁵

Assim a teoria de que os escritos inspirados são confiáveis apenas em questões de salvação reflete mais o pensamento dicotômico ocidental do que a perspectiva todo abrangente da Bíblia e de Ellen White. Reconhecendo que "toda a Escritura é inspirada por Deus" (II Tim. 3:16), nossa compreensão de inspiração deveria sempre preservar esse escopo todo abarcante.

Abordagem respeitosa

Intimamente relacionada com as discussões sobre as teorias de inspiração e a extensão temática de confiabilidade encontra-se a questão extremamente controversa da existência ou não de erros factuais nos escritos inspirados. Mesmo reconhecendo a confiabilidade de toda a extensão temática desses escritos, permanece ainda a indagação sobre o grau dessa confiabilidade. Em outras palavras, o Espírito Santo permitiu que erros factuais se infiltrassem nos escritos inspirados ou não? Em caso afirmativo, até que ponto?

Os adventistas do sétimo dia têm sido, historicamente, relutantes em falar a respeito da existência de erros factuais nos escritos inspirados. Quando a Associação Geral nomeou uma comissão, em 1883, para fazer uma revisão gramatical de *Testimonies for the Church*, de Ellen White, o voto não mencionava qualquer erro factual no conteúdo da obra. Apenas "imperfeições" gramaticais deveriam ser corrigidas, sem alterar, "de qualquer forma", as idéias. Mais tarde, porém, no contexto da edição revisada de 1911 de *O Grande Conflito*, a existência de tais erros de menor importância começou a ser discutida. Assim, no Concílio de Professores de Bíblia e de História, em 1919, A. G. Daniells expressou publicamente o seu ponto de vista de que tanto a Bíblia como os escritos de Ellen White continham várias discrepâncias factuais.¹⁶

É apenas nas Escrituras Sagradas que encontramos um relato autêntico da origem das nações.

Durante as três décadas seguintes (1920-1950), os autores adventistas continuaram negando a existência de erros factuais nos escritos inspirados. Embora algumas discussões explícitas desse assunto já tivessem ocorrido na década de 60, foi somente por volta de 1970 que isso se tornou uma verdadeira questão divisiva. Como resultado, existem hoje 1) aqueles que crêem que o Espírito Santo não permitiu que qualquer erro factual se infiltrasse nos autógrafos dos escritos inspirados; 2) aqueles que argumentam que a influência controladora do Espírito Santo permitiu que apenas pequenas discrepâncias insignificantes penetrassem nesses escritos; e 3) aqueles que falam livremente da existência de erros factuais nos escritos inspirados, sem jamais mencionar qualquer influência controladora do Espírito Santo.

Sem uma teoria de intervenção do Espírito Santo, esse último ponto de vista deixa de compreender o que os profetas, que experimentaram pessoalmente essa intervenção, têm a dizer sobre o assunto. Por exemplo, a história do conselho de Natã ao Rei Davi sobre a construção do templo não menciona apenas que Natã deu um conselho equivocado ao rei, mas também que o Senhor corrigiu o erro (II Sam. 7:1-16). Ellen White também reconheceu a influência controladora do Espírito Santo, ao declarar que Ele "guiou a mente" dos profetas "na escolha do que dizer e do que escrever".

Falando de sua própria experiência, ela acrescentou que "em dar a mensagem, com a pena e falando perante grandes congregações" não era ela quem controlava suas palavras e ações, e sim o Espírito de Deus. Sendo esse o caso, não podemos considerar qualquer teoria de "não intervenção" como uma hipótese válida a ser considerada nas discussões adventistas de inspiração.

Mas mesmo aceitando a intervenção controladora geral de Deus na transmissão da verdade pelo profeta, somos deixados a indagar até que ponto essa intervenção previne os erros. Enquanto alguns autores crêem que os pretensos erros factuais são meros problemas dos copistas ou dificuldades de compreensão, outros autores pensam que não existe outro meio de resolver algumas dificuldades do que admitir que elas são realmente equívocos. Por exemplo, Arthur L. White, secretário do *White Estate*, declarou em uma palestra, em 1966: "A mensagem inspirada do profeta podia incorporar uma imprecisão em um pequeno detalhe não conseqüente ao conceito básico, ou em um pequeno ponto no campo do conhecimento comum, a precisão ou imprecisão do qual a investigação humana é suficiente para informar aos homens."¹⁷

Em 1981-1982, Roger W. Coon, secretário associado do *White Estate*, propôs uma teoria de "intervenção", que previa espaço para "erros inconseqüentes de pequenos detalhes insignificantes" nos escritos inspirados. Ele explicou que "se, como ser humano, o profeta de Deus erra, e a natureza desse erro é suficientemente séria para afetar consideravelmente a direção da igreja de Deus, o destino eterno de uma pessoa, ou a pureza de uma doutrina, então, e somente então, o Espírito Santo leva imediatamente o profeta a corrigir o erro, de modo a que não ocorra nenhum dano permanente".¹⁸

Mais recentemente (1996), Juan Carlos Viera, diretor do *White Estate*, acrescentou que "o profeta pode cometer erros ortográficos ou gramaticais, bem como outros tipos de imperfeições da linguagem, como um *lapsus linguae* (lapso da língua) ou um *lapsus memoriae* (lapso da memória)", mas o Espírito Santo "está em controle da mensagem inspirada", e "sempre corrigiu os Seus mensageiros em questões importantes para a Igreja".¹⁹

No entanto, a discussão entre a noção da existência de erros factuais e a idéia da existência de apenas alguns poucos erros insignificantes está longe de ser resolvida e, creio eu, nunca será completamente solucionada. Esse problema deve-se em grande parte, ao fato de que nós, como ocidentais, nos sentimos muito desconfortáveis se não podemos entender e explicar todas as coisas, inclusive a natureza misteriosa das Escrituras. Mas devemos nos conscientizar de que não podemos resolver todas as dificuldades com as quais nos deparamos em nossos estudos da Palavra de Deus.

De acordo com Ellen White, "homens de capacidade têm dedicado uma existência de estudo e oração à investigação das Escrituras, e todavia há muitas porções da Bíblia que não têm sido plenamente exploradas. Algumas passagens da Escritura nunca serão perfeitamente compreendidas, até que, na vida futura, Cristo as explique. Há mistérios a serem esclarecidos, declarações que a mente humana não pode harmonizar. E o inimigo buscará levantar argumentos sobre esses pontos, que seria melhor não serem discutidos".²⁰

Além disso, se aceitamos o princípio de *sola Scriptura*, deveríamos considerar mais seriamente a maneira respeitosa como os genuínos profetas tratam os escritos dos demais profetas. É interessante notarmos que nenhum profeta do Novo Testamento jamais chamou a atenção para qualquer erro factual do Antigo Testamento; nem o fez Ellen White em relação com a totalidade do cânon bíblico. Se a identificação de tais erros é essencial para fortalecer nossa confiança nos escritos inspirados, como sugerido por alguns teólogos modernos, por que então, nem Cristo, Paulo ou João, ou mesmo Ellen White, nos ajudam nessa tarefa? Se os próprios profetas não se preocupavam com isso, por que deveríamos nós?

Mas esse exemplo de respeitabilidade para com a totalidade dos escritos proféticos nunca deveria ser usado para defender qualquer teoria de inerrância

calvinista. Nem deveríamos jamais tornar nossa própria fé e a fé de outros dependente de tais questões insignificantes. Sem fechar nossos olhos para as dificuldades reais encontradas nos escritos proféticos, deveríamos desenvolver uma abordagem mais respeitosa para com esses escritos, que nos permita enfatizar mais o conteúdo das mensagens do que seus continentes humanos, e mais o âmago dessas mensagens do que suas questões periféricas, de tal maneira que "os elementos fundamentais permaneçam como fundamentais, e que os periféricos permaneçam como periféricos".²¹

Algumas
passagens das
Escrituras nunca serão
perfeitamente
compreendidas até
que, na vida futura,
Cristo as explique.

Além de teorias humanas

Nossas considerações anteriores salientaram a importância de se levar em consideração a natureza sinfônica da inspiração, o escopo todo abrangente da inspiração e uma abordagem respeitosa para com os escritos inspirados. Em vez de confinar todos os escritos inspirados dentro de uma teoria específica "monofônica" de inspiração, deveríamos desenvolver uma compreensão mais "sinfônica" e multiforme (Heb. 1:1). Tal compreensão deveria prover espaço suficiente para os vários modelos pelos quais as informações foram obtidas pelos profetas, bem como para a interação divino-humana na transmissão dessas informações através da própria linguagem dos escritos inspirados.

Rejeitando toda teoria dicotômica dos níveis temáticos de inspiração, deveríamos enfatizar a natureza ampla e todo abarcante da Escritura, sem perder de vista a multiforme e indivisível unidade

temática do seu conteúdo e a natureza soteriológica do seu propósito último. Evitando tanto o conceito calvinista de inerrância bíblica como a teoria liberal de não intervenção corretiva do Espírito Santo, deveríamos seguir mais de perto o exemplo profético de respeitabilidade para com a totalidade dos escritos proféticos. Nossa fé jamais deveria depender das dificuldades factuais encontradas nas Escrituras.

Teorias humanas, mesmo de inspiração, podem florescer por um pouco de tempo, e então murchar como uma flor numa terra que se tornou árida pelo vento. Portanto, nossa compreensão de inspiração jamais deveria estar subordinadamente exposta aos ventos áridos das doutrinas humanas (Efés. 4:14), mas deve estar fundamentada na inamovível Palavra de Deus, sendo por ela protegida. De acordo com o profeta Isaías, "seca-se a erva, cai a sua flor, mas a palavra de nosso Deus permanece eternamente" (Isa. 40:8).

Referências:

- 1 Ellen G. White, *O Grande Conflito*, 36ª ed., Tatui, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1988, págs. 593-602.
- 2 Vern S. Poythress, *Symphonic Theology: The Validity of Multiple Perspectives in Theology*, Grand Rapids, MI: Zondervan, 1987.
- 3 Ellen G. White, *Carta para R. A. Underwood*, 18/01/1889.
- 4 *Sabbath School Lessons for senior Classes*, nº 98, 1 Trim. 1893, pág. 9.
- 5 Uriah Smith, "Which are revealed, words or ideas?" *Adventist Review and Sabbath Herald*, 13/03/1888, págs. 168 e 169.
- 6 George E. Rice, *Luke, a Plagiarist?* Mountain View, CA: Pacific Press, 1983.
- 7 Alden Thompson, *Inspiration: Hard Questions, Honest Answers*, Hagerstown, MD: Review and Herald, 1991.
- 8 Holbrook e Dolson, "Preface" em idem, eds., *Issues in Revelation and Inspiration*, pág. 7.
- 9 Juan Carlos Viera, "The Dynamics of Inspiration", *Adventist Review*, 30/05/96, págs. 22-28.
- 10 Ellen White, "Questions and Answers", *Adventist Review and Sabbath Herald*, 08/10/1867.
- 11 Carlyle B. Haynes, *God's Book*, Nashville, TN: Southern Publishing Association, 1935, pág. 138.
- 12 G. I. Butler, "Inspirations", *Adventist Review, and Sabbath Herald*, 08/01/1884 e 27/05/1884.
- 13 W. C. White, "Great Controversy" (nova edição), declaração feita pelo Pastor White, antes do Concílio Mundial da AG, em 30/10/1911.
- 14 A. G. Daniells, em "Use of the Spirit of Prophecy in Our Teaching of Bible and History", págs. 16 e 26.
- 15 Ellen G. White, *Educação*, 7ª ed., Tatui, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997, pág. 173.
- 16 "General Conference Proceedings", *Adventist Review, and Sabbath Herald*, 27/11/1883.
- 17 Arthur White, *Ellen White*, Washington, DC: Review and Herald, 1982, vol. 6, págs. 302-337.
- 18 Roger Coon, "Inspiration/revelation: what it is and how it works - II", *Journal of Adventist Education* 44, Dez. 81/Jan. 82, págs. 18 e 19.
- 19 Juan Carlos Viera, *Op. Cit.*
- 20 Ellen White, *Obreiros Evangélicos*, 5ª ed., Tatui, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1993, pág. 312.
- 21 Joseph Karanja, "Inerrancy and Sovereignty: A Case Study on Carl F. H. Henry", dissertação de Mestrado em Teologia, Universidade Andrews, 1990.

Pequenos grupos evangelísticos

JOHN FOWLER

*D.Min., evangelista associado
do programa de televisão Está Escrito,
nos Estados Unidos*



Divulgação

“*P*ela primeira vez eu encontrei real significado e propósito para a minha vida. Sinto que agora tenho uma nova existência. Descobri algo mais. Encontrei um grupo de pessoas que se interessam genuinamente por mim. Da aceitação e apoio que eu tenho experimentado, tenho aprendido o que significa ser objeto de amor e valorização como pessoa, como ser humano. Foi Deus quem me enviou à Igreja Adventista.”

Esse é o testemunho de Brian Effington, uma das 60 pessoas batizadas no final de uma campanha evangelística a qual tive a oportunidade de acompanhar. As reuniões eram coordenadas pelo Pastor Frank Cordona, capelão do Centro Médico Cristão do Tennessee, que colocou em prática uma nova estratégia. Nas primeiras noites, tudo aconteceu como de costume. Mas já na segunda noite, a estratégia do

Pastor Frank começou a ser aplicada. Havia muito tempo, eu estava sentindo a necessidade de casar o ministério de pequenos grupos com o evangelismo público; e essa era justamente a estratégia do Pastor Frank. Oferecemos então às pessoas que vieram à reunião, a oportunidade de estudar a Bíblia em pequenos grupos.

Aproximadamente 150 pessoas anotaram seus respectivos nomes, indicando o desejo de participar do programa oferecido. Sugerimos que escolhessem unir-se a um dos seis grupos estabelecidos, conforme tivessem alguma relação com os problemas mencionados: depressão, diferenças familiares, conflitos jovens, doença, necessidades espirituais. A resposta foi decepcionante. Concluímos depois que as pessoas ficaram receosas de se identificarem publicamente com essas questões. Conseqüentemente, resolvemos instituir grupos gerais, desprovidos de rótulos. Isso funcionou.

Os grupos reuniam-se cada noite às 19h15, distribuídos por algumas salas do edifício onde a série estava sendo realizada, e aí permaneciam durante 30 minutos. Enquanto os pequenos grupos empenhavam-se para identificar as necessidades dos participantes, nossa estratégia era torná-los parte integrante da própria campanha evangelística. Às 19h50, todos se dirigiam para o auditório principal, a fim de assistir ao programa de música e à apresentação da mensagem da noite.

Do total de batismos que realizamos no final da campanha, 80% eram pessoas que assistiram às reuniões dos pequenos grupos. Brian Effington era um daqueles novos conversos.

Sucesso de Wesley

Ministério de pequenos grupos não é nenhuma novidade. É parte das atividades da Igreja desde o seu início. Na história re-

lativamente recente, João Wesley usou esse método de aproximação com muito êxito em suas atividades evangelísticas. Depois que Wesley pregava e o interesse dos ouvintes era despertado, ele colocava os que respondiam a seus apelos, em pequenos grupos, sob os cuidados de auxiliares leigos treinados para tratar com suas questões individuais e seus problemas pessoais.

As reuniões de pequenos grupos organizadas por Wesley, também chamadas “reuniões de classe”, são “a pedra angular de todo o edifício metodista”.¹

Para Wesley esses pequenos grupos tornam-se o lugar onde um indivíduo pode encontrar os ingredientes fundamentais para uma vida cristã bem-sucedida. Wesley treinava cada grupo enquanto ministrava individualmente aos respectivos membros. Os grupos formavam o centro da vida devocional, estudo da Bíblia e oração. Eram também a base do cuidado pastoral. Seus membros partilhavam mutuamente suas aflições e angústias; fracassos e vitórias; doenças e esperança de cura; problemas no casamento e de paternidade; a agonia da pobreza, injustiça social e, em alguns lugares, opressão política. Encorajamento e auxílio práticos eram providenciados quando necessários.

Os grupos de Wesley ajudavam inclusive na solução do problema de desemprego, providenciando trabalho para algumas pessoas. Dessa forma, além de centro para estudo da Bíblia, oração e serviço cristãos, os grupos também eram centros de reforma moral e social.²

As reuniões de classes formaram a pedra fundamental da disciplina metodista – o principal segredo da ação de reavivamento daquela denominação. As reuniões normalmente eram realizadas uma vez por semana, durante uma hora ou



mais. Cada pessoa era motivada a falar sobre sua experiência, seus problemas e necessidades particulares que porventura tivesse. Quando a questão requeria, era providenciada a correspondente ajuda, não se deixando de fazer orações por todos os casos. Segundo o próprio Wesley escreveu, "conselho e repreensões também eram ministrados, quando se faziam necessários, disputas eram resolvidas, desentendimentos removidos; e depois de uma hora ou duas empregadas nesse trabalho de amor, eles concluíam o encontro com orações e ação de graças".³

Áreas de ação

Aprendendo com Wesley, nós buscamos tornar nossa campanha evangelística um genuíno meio de assistência aos interessados e suas necessidades específicas. E o ministério dos pequenos grupos é, sem dúvida, um importante meio de cumprir esse objetivo. Quantas áreas de ministério os pequenos grupos podem abranger durante uma campanha de evangelismo público? A resposta depende dos talentos disponíveis na congregação ou nas congregações envolvidas com o trabalho, ca-

so haja mais de uma, e também das necessidades das pessoas que assistem às reuniões. Mas existem algumas necessidades básicas que podem ser encontradas em qualquer pequeno grupo, conforme enumeramos a seguir:

Problemas espirituais. Nós acreditamos que muitos problemas têm uma raiz espiritual. Em virtude disso, o melhor remédio são o ensinamento e a aplicação dos princípios da Bíblia. Levar o povo a um relacionamento com Jesus e com outros cristãos é nosso objetivo. Trabalhamos para ajudar as pessoas a buscar vitória, sabedoria, paz e alegria em Cristo. Essa é a melhor ajuda que um pequeno grupo pode providenciar.

Amizade. A discussão realizada em um pequeno grupo também pode ser direcionada a uma extensa variedade de problemas encontrados entre as pessoas que assistem às reuniões evangelísticas. São problemas que podem variar entre vícios, desânimo, estresse, ansiedade e solidão. No entanto, o propósito dominante de um pequeno grupo deve ser prover amizade, encorajamento e apoio para os indivíduos. Uma genuína de-

monstração de amizade e solidariedade pode ser uma fonte de fortalecimento para os membros do grupo.

Depressão. Esse é um dos principais problemas da sociedade moderna. Boa parte da população em todos os lugares sofre alguma forma de depressão. E por isso, também, muitos são dependentes de remédios que favorecem uma boa convivência com as circunstâncias que os tornam deprimidos. Entretanto, usualmente, o melhor tratamento para a depressão é a terapia cognitiva, já que a maioria dos casos da doença está relacionada com hábitos negativos de pensamento.

Pesquisas mostram que uma aproximação cognitiva que busque ajudar através da construção de modelos positivos de pensamento, resulta muito ajudadora no tratamento da depressão.⁴ E o sistema de apoio dos pequenos grupos pode ser um potencial agente no desenvolvimento de pensamentos positivos como coragem, fé, esperança e alegria.

Se os problemas forem demasiadamente sérios para ser tratados dentro de um pequeno grupo, pode-se recomendar a assistência de um profissional. Mesmo as-

sim, as pessoas podem continuar fazendo parte dos grupos evangelizadores.

Doença. Uma área da vida que necessita de especial atenção é a área física. Por isso, deveríamos providenciar um programa de orientação para a saúde, como parte introdutória de uma campanha evangelística, ou se desenvolvendo simultaneamente a ela. Distribuição de literatura e palestras que orientem ao público no uso dos remédios simples da Natureza e adoção de hábitos preventivos de saúde, devem fazer parte do programa.

Assistência social. Constantemente Jesus Cristo estava focalizando sobre o ministério aos pobres. "Nosso Senhor Jesus Cristo veio ao mundo como o incansável servo das necessidades humanas", diz Ellen White,⁵ e assim devemos ser. Muitas igrejas têm uma equipe responsável pela realização de serviços comunitários que pode atuar durante as reuniões.

Quando os pequenos grupos estão envolvidos nesses ministérios, o evangelismo torna-se atrativo para as pessoas que freqüentam as reuniões todas as noites. Amizade sólida e significativa é estabelecida, ajuda prática é sempre bem recebida; as pessoas desenvolvem um senso de pertinência e lealdade ao grupo e, finalmente, à igreja. Tanto a pregação pública como o trabalho pessoal dos pequenos grupos trabalham juntos para levar os interessados a uma completa entrega da vida a Cristo, a experimentar um estilo de vida significativo, e, finalmente, ao batismo e a união com a igreja.

Continuidade

Os pequenos grupos formados durante uma campanha evangelística não são desfeitos ao término da fase intensiva da série, mas devem continuar. Na verdade, devem se tornar parte integrante da vida congregacional, provendo apoio para os que foram batizados.

Colocar esse plano em prática significa testemunhar um maior número de pessoas decidindo-se pelo batismo, mais conversos permanecendo na igreja, e mais envolvimento dos membros nas atividades missionárias.

Referências:

- ¹ Howard A. Snyder, *The Radical Wesley*. Downers Grove, InterVarsity Press, 1980, pág. 38.
- ² Blaine Taylor, *John Wesley: A Blueprint for Church Renewal*. Champaign, Ill: Steven E. Clapp Pub., Crouse Printing, 1984, págs. 24 e 25.
- ³ *Wesley's Works*, vol. 8, págs. 253 e 254.
- ⁴ David B. Burns, *Feeling Good: The New Mood Therapy*. Nova York: Wm. Murrill Co., Inc., 1980.
- ⁵ Ellen White, *Obreiros Evangélicos*, pág. 41.

Dicas para formar pequenos grupos

- Determine o propósito dos pequenos grupos em sua campanha evangelística, ou seja, prover amizade, companheirismo, encorajamento e apoio para as pessoas que estão lutando com problemas específicos.

- Selecione e treine líderes para os pequenos grupos. Se o sistema já funciona dentro da congregação, os líderes daqueles grupos, com um pouco mais de orientação, podem ser usados na campanha de evangelismo público.

Identifique as necessidades de sua audiência. Isso pode ser feito logo no início da série; de preferência, na segunda noite. Um formulário de pesquisa pode ser usado para que os visitantes partilhem suas necessidades específicas. Dê-lhes a garantia de que serão mantidos anônimos. No momento em que for usar os formulários, informe do projeto de implantação de pequenos grupos para encorajar e apoiar os que estão lutando com problemas difíceis.

- Na próxima noite, anuncie o tempo e o lugar da reunião dos pequenos grupos. A estação do ano indicará se as reuniões serão conduzidas antes ou depois das reuniões evangelísticas.

- Comece imediatamente. Quanto mais cedo implantar o programa, mais rapidamente providenciará ajuda, estabelecerá relacionamentos significativos, e ganhará a confiança da audiência.

- Deixe bem claros os alvos dos pequenos grupos: prover um sistema de apoio que assegure aceitação, compreensão, encorajamento e oração intercessória. Ao lado disso, dê sugestões práticas sobre como lidar com as situações difíceis, enfrentadas pelos membros do grupo.

- Encoraje-os a continuar assistindo às reuniões evangelísticas, reconhecendo que Cristo, na realidade, é quem resolve os problemas. No entanto, o propósito dos pequenos grupos não é discutir ou repetir o sermão do evangelista.

- Incentive os líderes dos grupos no sentido de torná-los um genuíno ministério para os membros e uma fonte de ajuda ao evangelista, em sua tarefa de conduzir pessoas a Cristo.

- Planeje reuniões regulares dos líderes dos pequenos grupos com o evangelista, para assegurar coordenação e cooperação no trato das necessidades psicológicas e espirituais das pessoas, durante o andamento da série de conferências.

- Continue o ministério dos pequenos grupos depois da série evangelística, para assegurar a continuidade de apoio e encorajamento aos novos membros, bem como para aqueles que não tomaram a decisão de unir-se à igreja. Os grupos também podem providenciar treinamento e capacitação em algum tipo de trabalho missionário para cada membro do grupo.



Cientista e teólogo

RUY CARLOS DE CAMARGO VIEIRA

Ph.D., engenheiro mecânico, membro do Conselho Superior da Agência Espacial Brasileira e fundador da Sociedade Criacionista Brasileira



Ele era uma pessoa fora do comum. Distraindo e generoso, sensível à crítica e modesto. Enfrentou uma série de crises psicológicas. Tinha dificuldade em manter boas relações sociais. Contudo, ele foi um dos raros gigantes da História. Um físico brilhante, astrônomo e matemático extraordinário e um filósofo natural.

Quando Isaac Newton, aquele raro gênio e cavalheiro inglês, morreu em 1727 com a idade de 85 anos, deixou uma marca indelével em todo trabalho a que se dedicou. Conhecemos suas leis do movimento e a teoria da gravitação. Nós o conhecemos por suas contribuições à compreensão do Universo. Mas raramente conhecemos suas contribuições à teologia cristã. Depois de um estudo intenso de seus escritos, concluí que Newton era não

só um grande cientista, mas também um grande teólogo, um verdadeiro adventista, criacionista e intérprete das profecias.

Minha jornada para a compreensão de Newton como teólogo começou há pouco mais de 45 anos, quando me tornei adventista do sétimo dia, depois de assistir a uma série evangelística sobre as fascinantes profecias de Daniel e Apocalipse. Estava então estudando na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, tendo em vista obter um diploma de engenheiro.

O ambiente da Universidade não era propício à nutrição da minha fé. Eu era bombardeado de todas as direções. Materialismo, preocupações humanísticas e uma filosofia científica restrita convergiam para colocar em dúvida minha fé recentemente abraçada. Eu precisava de algo para defender o que acreditava ser verdadeiro, e queria que minha defesa fosse sã e lógica.

Em minha procura de literatura apropriada, descobri uma versão portuguesa, de 1950, de Newton's Observations Upon the Prophecies of Daniel and the Apocalypse (Observações de Newton Sobre as Profecias de Daniel e o Apocalipse). Não encontrei essa obra na biblioteca da escola, tampouco numa livraria; mas em uma banca de livros antigos na esquina de uma rua em São Paulo. Fiquei encantado ao descobrir que o mesmo Isaac Newton a quem nós, como estudantes de engenharia, conhecemos em ótica, mecânica, cálculo e gravitação, tinha dedicado bastante tempo e esforço à cronologia bíblica e à interpretação de profecias.

O criacionista

Robert Boyle, pioneiro em estudos das propriedades dos gases e forte promotor do cristianismo, morreu em 1691. Ele adogava o estudo científico da Natureza

como um dever religioso. Seu testamento provia fundos para uma série de palestras anuais para a defesa do cristianismo contra a incredulidade. Richard Bentley, clérigo e destacado erudito clássico, apresentou a primeira série de palestras em 1692.

Na preparação de suas palestras, Bentley buscou a ajuda de Newton, que já era famoso por seu Principia (1687). Bentley esperava demonstrar que, segundo as leis físicas que governam o universo natural, teria sido impossível o surgimento dos corpos celestes sem a intervenção de um agente divino.

Desde então, Bentley e Newton trocaram uma correspondência quase teológica. Newton declarou: "Quando escrevi meu tratado sobre nosso sistema, tinha meus olhos voltados a princípios que podiam funcionar considerando a crença da humanidade em uma Divindade, e nada me dá maior prazer do que vê-lo sendo útil para esse fim." Em outra ocasião, ele escreveu: "Os movimentos que os planetas têm hoje não podiam ter sido originados em uma causa natural isolada, mas foram impostos por um agente inteligente."²

Outros escritos confirmam a forte crença de Newton num Criador, a quem ele se referia freqüentemente como o Pantokrator, expressão grega que significa o Todopoderoso, "com autoridade sobre tudo o que existe, sobre a forma do mundo natural e sobre o curso da história humana".

Newton expressa suas convicções com clareza: "Precisamos crer que há um só Deus ou monarca supremo a quem podemos temer e guardar Suas leis e dar-Lhe honra e glória. Devemos crer que Ele é o Pai, que vê todas as coisas, e que ama Seu povo. Devemos crer que Ele é o Prontokrator, Senhor de todas as coisas, como poder irresistível e ilimitado domínio, do qual

não podemos esperar escapar, se nos rebelarmos e seguirmos a outros deuses, ou se transgredirmos as leis de Sua soberania, e de quem podemos esperar grandes recompensas se fizermos Sua vontade.

"Devemos crer que Ele é o Deus dos judeus, que criou os céus e a Terra e tudo o que neles há, como expresso nos Dez Mandamentos, de modo que podemos agradecer-Lhe pelo nosso ser e por todas as bênçãos desta vida, e guardar-nos de usar Seu nome em vão ou adorar imagens de outros deuses."³

O adventista

Newton também se preocupou com a restauração da Igreja cristã à sua pureza apostólica. Seu estudo das profecias o levou a concluir que afinal a Igreja, a despeito dos seus defeitos presentes, triunfaria. William Whiston, que sucedeu a Newton como professor de matemática em Cambridge, e escreveu *The Accomplishment of Scripture Prophecies* (O Cumprimento das Profecias da Escritura), declarou, depois da morte de Newton, que "ele e Samuel Clarke tinham desistido de lutar pela restauração da igreja às normas dos tempos apostólicos primitivos porque a interpretação que Newton dava às profecias os tinha levado a esperar uma longa era de corrupção, antes de poder ser efetiva".⁴

Newton cria em um remanescente fiel que testemunharia até o fim dos tempos. Um de seus biógrafos escreveu o seguinte: "Por Igreja verdadeira, à qual as profecias apontavam, Newton não pensava incluir todos os cristãos nominais, mas um remanescente, um pequeno povo disperso, escolhido por Deus, povo que não sendo movido por qualquer interesse, instrução ou poder de autoridades humanas é capaz de se dedicar sincera e diligentemente à busca da verdade.

"Newton estava longe de identificar o que quer que existisse a seu redor como o verdadeiro cristianismo apostólico. Sua cronologia interna tinha posto o dia da trombeta final dois séculos mais tarde."⁵

No segundo capítulo do livro de Daniel, Newton viu o desenvolvimento da história da humanidade até o fim do tempo, quando Cristo estabeleceria Seu reino. Sobre esse assunto, ele afirmou: "E uma pedra cortada sem mãos, que caiu sobre os pés da imagem, e reduziu a pedaços os quatro metais, e tornou-se uma grande montanha, e encheu toda a Terra; ela representa que um novo reino devia surgir, depois dos quatro, e conquistar todas aquelas nações, e tornar-se muito grande, e durar até o fim dos séculos."⁶

Tratando das visões subsequentes de Da-

niel, Newton deixa claro que depois do quarto reino estabelecido na Terra, teria lugar a segunda vinda de Cristo e o estabelecimento do Seu eterno reino: "A profecia do Filho do homem vindo nas nuvens do céu relaciona-se com a segunda vinda de Cristo."⁷

O intérprete profético

Newton não estava satisfeito com a interpretação das profecias, corrente em seu tempo. Sustentava que os intérpretes não tinham "método prévio. ... Eles torcem partes da profecia, colocando-as fora de sua ordem natural, segundo sua conveniência".⁸

Em harmonia com sua abordagem de questões científicas, Newton estabeleceu normas para interpretação profética, com uma codificação da linguagem profética a fim de eliminar a possibilidade de distorção ao bel-prazer dos intérpretes, e adotou o critério de deixar a Escritura revelar e explicar a Escritura.

Assim, a interpretação de Newton divergia da maioria de seus contemporâneos. Não estava interessado em aplicar a profecia para explicar a história política da Inglaterra, como alguns outros faziam, mas em focalizar o princípio da grande apostasia que ocorreu na Igreja, e sua restauração final a seu estado original de pureza.

Esse interesse na restauração da Igreja à pureza apostólica levou Newton a um estudo sobre a segunda vinda de Cristo. Sua preocupação com o futuro o levou às 70 semanas do capítulo nove do livro de Daniel. Ele, tal como os dispensacionalistas de hoje, designava a última semana para um futuro indeterminado, quando a volta dos judeus e a reconstrução de Jerusalém teriam início, culminando com a gloriosa segunda vinda de Cristo.

Essa interpretação, naturalmente, é contrária à crença adventista. Contudo, os princípios de interpretação utilizados por Isaac Newton estão em harmonia com os princípios utilizados pelos adventistas. Como exemplo disso, considere a seguinte interpretação que ele faz dos símbolos:

"Ventos tempestuosos, ou o movimento de nuvens significam guerras; ... Chuva, se não excessiva e orvalho e água viva, as graças e doutrinas do Espírito; e a falta de chuva, esterilidade espiritual. Na Terra, a terra seca e as águas congregadas, como um mar, um rio, um dilúvio, significam o povo de várias regiões, nações e domínios. ... E diversos animais como um leão, um urso, um leopardo, um bode, segundo suas características, representam diversos reinos e corpos políticos. ... Um governante é representado por ele cavalgar um animal; um

guerreiro e conquistador, por ter uma espada e um arco; um homem poderoso, por sua estatura gigantesca; um juiz por pesos e medidas; ... honra e glória, por uma roupagem esplêndida; dignidade real, através de púrpura ou escarlata, ou por uma coroa; fraqueza, por roupas manchadas e sujas."⁹

Na interpretação de profecias relacionadas com tempo, Newton sustentava que "os dias de Daniel são anos".¹⁰ Ele aplicou o princípio dia-ano (Eze. 4:6 e 7; Núm. 14:34) para interpretar as 70 semanas do capítulo nove de Daniel¹¹ e aos três tempos e meio do período de apostasia (Dan. 7:25). Newton deixa claro que o "dia profético" é "um ano solar", e que "tempo na profecia também é equivalente a um ano solar"; e "tempos e leis daí em diante dados em sua mão, por um tempo, tempos e metade de um tempo, ou três tempos e meio; isto é, por 1260 anos solares, calculando o tempo por um ano de 360 dias, e um dia por um ano solar".¹²

Metodologia cuidadosa

Newton era muito cauteloso em suas crenças religiosas. Isso explica, em parte, a razão pela qual não publicou suas obras teológicas quando ainda vivia.

Como adventistas do sétimo dia, podemos não concordar com todas as interpretações de Newton em relação às profecias bíblicas. Mas podemos tirar proveito de suas obras teológicas e de sua metodologia cuidadosa, de modo a podermos ficar firmes e defender nossa fé, diante de postulados científicos destinados a contradizê-la.

Apesar de suas muitas realizações e de seu renome internacional, Newton era modesto. Pouco antes de sua morte, afirmou: "Não sei o que posso parecer ao mundo, mas para mim eu pareço ter sido apenas um menino brincando à beira do mar, e divertindo-me em achar de vez em quando uma pedrinha mais lisa ou uma concha mais linda do que de costume, enquanto o grande oceano da verdade jaz por ser descoberto diante de mim."

Referências:

- 1 Richard S. Westfall, *The Life of Isaac Newton*, Cambridge: University Press, 1993, pág. 204.
- 2 Bernard Cohen, *Isaac Newton: Papers & Letters on Natural Philosophy*, Cambridge: Harvard University Press, 1958, pág. 284.
- 3 Richard S. Westfall, *Op. Cit.*, pág. 301.
- 4 *Ibid.*, pág. 300.
- 5 *Ibid.*, pág. 128.
- 6 Isaac Newton, *Observations Upon the Prophecies of Daniel and the Apocalypse of St. John*, págs. 25 e 26.
- 7 *Ibid.*, pág. 128.
- 8 Richard S. Westfall, *Op. Cit.*, págs. 128 e 129.
- 9 Isaac Newton, *Op. Cit.*, págs. 18-22.
- 10 *Ibid.*, pág. 122.
- 11 *Ibid.*, pág. 130.
- 12 *Ibid.*, págs. 113 e 114.

Narciso e Sansão

MARIO PEREYRA

Diretor da Faculdade de Psicologia da Universidade Adventista del Plata, e diretor do Departamento de Saúde Mental do Sanatório Adventista del Plata, Entre Rios, Argentina



Diversos pensadores estão se voltando para o mito de Narciso como um emblema dos valores e atitudes que dominam a sociedade contemporânea. Christopher Pasch, em seu livro intitulado *The Culture of Narcissism* (A Cultura do Narcisismo), considera essa atitude para com a vida "um dos temas principais da cultura norte-americana.

Gilles Lipovetsky, um sociólogo francês, define a época presente como "a idade do narcisismo". A tendência pode ser vista até nos nomes de revistas populares norte-americanas, entre as quais destacamos: "Life", "People", "Us", "Self".

Na mitologia grega, Narciso era um jovem bonito e vaidoso que rejeitou os assédios amorosos das ninfas Eco e Aminia. Esta última, ferida em seu orgulho, amaldiçoou o jovem, desejando que ele nunca

possuísse o objeto de seu amor. Um dia, Narciso curvou-se para beber água de uma fonte. Vendo sua própria face refletida na água, enamorou-se dela. Narciso foi tão atraído por sua própria imagem que freqüentemente voltava à fonte para contemplar-se a si mesmo. Dessa forma, ele foi enfraquecendo e, finalmente, morreu.

Outra versão da lenda conta que, vendo-se na água, Narciso procurou abraçar sua própria imagem e afogou-se na tentativa. Naquele lugar, segundo a lenda, brotou uma nova flor que tomou o nome de seu infeliz criador, o narciso.

Foi Sigmund Freud¹ quem acrescentou o termo narcisismo ao vocabulário da psicologia, para designar amor à própria imagem e a etapa do desenvolvimento na qual a criança faz do próprio eu o objeto principal de seu amor.² Essas idéias originaram muitos estudos que descrevem e analisam o perfil distinto da personalidade narcisista.

Segundo o *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (Manual de Estatística e Diagnóstico de Desordens Mentais), da Associação Psiquiátrica Americana, narcisistas são indivíduos arrogantes e convencidos, que têm fantasias magníficas sobre si mesmos. Eles superestimam seu sucesso, precisam ser constantemente admirados e sempre esperam tratamento preferencial.

Os narcisistas estão convencidos de que merecem mais do que recebem. Preocupam-se em ter boa aparência e em manter a juventude. Não são sensíveis às necessidades e aos problemas de outras pessoas. Com pouca tolerância para a crítica, freqüentemente reagem com fúria a ofensas reais ou imaginárias. Tendem a ser mais encontrados entre as pessoas do sexo masculino, embora em menor quantidade também entre as do sexo feminino.

Em suma, os narcisistas focalizam a si mesmos, fascinados com sua personali-

de e seu corpo, "com um individualismo atroz que carece de valores morais e sociais e se desinteressa por qualquer questão transcendental".³ O que temos é um eu assentado em seu trono, despreocupado de tudo o mais na vida.

Cultura narcisista

Os narcisistas de ambos os sexos podem ser vistos na televisão e no cinema, exibindo orgulhosamente suas curvas atraentes ou seus grandes músculos, gabando-se de suas fantásticas proezas. Eles estão andando nas ruas, vestidos sedutoramente segundo a moda, provocando admiração e inveja. Podemos vê-los nas praias exibindo seus corpos maravilhosamente bronzeados. Seguem a última moda, gastam muito dinheiro com perfumes e maquiagem, e adotam várias dietas e terapias a fim de se tornarem mais atraentes.

Esse individualismo centrado em si procura apenas gratificação própria e prazer. O desejo de bem-estar e de divertir-se eclipsa tudo o mais. Insensibilidade e indiferença dominam a atitude do narcisista para com o resto do mundo e os interesses ou necessidades dos outros. Importantes questões filosóficas, religiosas, econômicas ou políticas despertam uma curiosidade apenas superficial. Deus torna-se um estranho. O sentido de transcendência desaparece. O que importa é conforto e uma bela aparência; preservar o nível de vida e gratificar o eu. Assim o narcisista vive apenas no presente e não se preocupa com o passado ou o futuro. A filosofia de "faça o que lhe apraz", "não se preocupe", "seja feliz" e "divirta-se" torna-se o princípio que lhe governa a vida.

A cultura do narcisismo é a celebração da aparência física, o triunfo do espelho e o culto da própria imagem. Milan Kundera,⁴ o famoso escritor tcheco, cunhou o termo "imagologia" para indicar o poder da imagem social imposta por aqueles



que determinam à moda e sua importância em todos os aspectos da vida: a roupa que deveríamos vestir, os aparelhos que deveríamos possuir, a combinação de cores que deveríamos preferir em casa, em quem votar e a quem aplaudir num evento esportivo.

O termo "imagologia", diz Kundera, "ajuda a combinar numa palavra aquilo que possui tantos nomes: agências de publicidade, consultores de imagem para estadistas, desenhistas encarregados de projetar as formas dos carros e aparelhos de ginástica, modistas, cabeleireiros e astros do mundo dos espetáculos, que ditam as normas de beleza física para aqueles que respeitam todos os ramos da 'imagologia'".⁵

E assim chegamos ao narcisismo pós-moderno; as ideologias estão mortas e a "imagologia" reina.

Ingrediente trágico

Apesar de seu êxito, o narcisismo tem um componente trágico que não pode ser esquecido – a maldição de Aminia, a incapacidade de amar outra pessoa. Os narcisistas estão enamorados do espelho, procurando descobrir sua própria imagem nos outros. Estão condenados à insatisfa-

ção perpétua. A vida para eles é uma experiência absurda que os deixa com um vazio interior e os faz sofrer; tal é "a estratégia vazia" do narcisismo.⁶ O drama de Narciso, a ausência de sentimento e transcendência, inexoravelmente condena a pessoa à solidão e destruição própria. O mito é implacável e fatal. Parece não haver solução possível.

A esperança, todavia, se abre, não no egocentrismo e ausência de sentido, mas na eterna Palavra de Deus. O tema da Bíblia é o oposto do narcisismo. Exige a renúncia do *eu* e o abraçar o outro. O amor a Deus e ao próximo domina o retrato bíblico da vida. Considere, por exemplo, a história de Sansão, que pode ser comparada ao mito de Narciso de muitos modos, mas mostra a tragédia do egocentrismo e o triunfo do desprendimento.

Herói nazireu

Chamado para libertar seu povo da submissão a uma potência estrangeira, Sansão foi dotado por Deus com capacidades e recursos extraordinários, inclusive uma força fora do comum. Sansão, todavia, dedicou a maior parte de sua vida exibindo o espetáculo de sua figura, ostentando com orgulho sua engenhosidade e

seus músculos poderosos. Buscava egoisticamente a satisfação sensual com mulheres de moral duvidosa, e ficava terrivelmente frustrado quando não era satisfeito. De certo modo, procurava ser um Narciso.

A narrativa bíblica (Juízes 13-16) enfoca os principais episódios de sua vida:

Nascimento milagroso com um designio.

Casamento.

Enfrentamentos com os filisteus.

Visita à prostituta de Gaza.

Traição de Dalila.

Cativeiro, punição, arrependimento, fé, triunfo e morte.

A história é dramática e cheia de colorido. Um anjo comunica aos pais de Sansão o milagroso nascimento do herói. O mensageiro celeste dá uma série de recomendações dietéticas e educacionais, visto que a criança teria de ser consagrada a Deus pelos votos do nazireado.

O primeiro acontecimento a desafiar Sansão foi seu desejo de se casar com uma mulher filistéia, membro do próprio povo do qual ele devia livrar Israel. Simplesmente disse que a mulher agradava a seus olhos (Juízes 14:3). Seus pais fizeram uma objeção inicial, mas afinal cederam. Durante a festa nupcial, Sansão gastou mais tempo tentando chamar a aten-

ção dos convidados para seus enigmas do que cortejando sua mulher. Quando o enigma foi revelado, com o auxílio de sua esposa, ele tornou-se tão violento que matou 30 filisteus a fim de pagar a aposta. Então voltou para casa, esquecendo completamente a esposa. O orgulho ferido era mais forte do que a estima por sua mulher.

Algum tempo depois ele voltou à sua procura, mas era demasiado tarde; ela já se casara com outro homem. De novo, ele sofreu outra ferida "narcísica", reagindo com violência fora do comum e queimando os campos dos filisteus. Essa agressão incitou o ataque dos filisteus aos israelitas, que convenceram Sansão a se entregar. Ele foi então amarrado e levado aos filisteus; mas rompeu as cordas, tomou uma queixada de jumento e matou mil homens.

Noutra ocasião, Sansão visitou uma prostituta em Gaza. Os filisteus cercaram a cidade a fim de guardar os portões e capturá-lo. Todavia, à meia-noite, ele se levantou e carregou o portão e seus dois pilares sobre os ombros, levando-os até o topo de uma colina. Então Sansão enamorou-se de outra mulher chamada Dalila, que o traiu quando ele revelou o segredo de sua força. Dalila cortou-lhe o cabelo e o Espírito retirou-se de Sansão. Ele foi capturado por seus inimigos, seus olhos foram vazados, foi atirado no cárcere e condenado a trabalho forçado. Sob circunstâncias desfavoráveis e difíceis, caiu em si e arrependeu-se.

O arrependimento

Sansão mudou a direção de sua vida, executando um ato final verdadeiramente heróico. Seus captivos o tinham levado a uma festa celebrada no templo dedicado a Dagon. Aí foi exibido como símbolo altivo do triunfo dos filisteus. Cego e amarrado, Sansão foi feito objeto de ridículo e zombaria. Em sua pessoa, o Deus do Universo e Seu povo foram publicamente zombados. Nesse momento crítico, Sansão voltou-se a Deus, pediu perdão por suas ações egocêntricas e rogou para que as forças lhe fossem devolvidas, a fim de mostrar dessa vez que Deus é Deus.

Sua oração foi atendida. Sansão podia sentir o poder de Deus animando-o. Abraçou os dois pilares centrais do edifício e os puxou com força até que os derubou. Assim pereceu Sansão com três mil de seus inimigos.

Qual é o sentido da vida fora do comum de Sansão? Por certo, sua história é enigmática devido a suas charadas e ao segredo de sua força. Até mesmo o seu

nome é um mistério. Etimologicamente significa "sol", embora outros o liguem com "servir", ou ainda com "forte". Certamente extraordinária e prodigiosa era sua força, destinada a cumprir uma missão de libertação divinamente ordenada. Ele compreendeu isso no último momento. Em vez de usar sua força para servir, usara-a para ser o "sol", para se fazer o centro brilhante do espetáculo. É claro que Sansão não era um psicopata ou um gigante de cérebro vazio. Ao contrário, ele era engenhoso, sensível, tinha veia poética (Juízes 14:14; 18; 15:16) e repetidamente escapou das armadilhas dos filisteus (Juízes 16:2 e 3). Seu ponto fraco eram as mulheres, mas não era um maníaco sexual. Em vez de ser derrotado por mulheres, Sansão foi derrotado por sua própria arrogância e seu narcisismo.

Há um ponto chave nessa história: a questão do olhar. A vista desempenha um papel importante do começo ao fim da vida de Sansão. Enamorou-se da mulher filistéia, porque disse: "Ela agrada a meus olhos." O mesmo pode ter sucedido com a prostituta de Gaza. Teria sido por causa disso que seus amigos o puniram com cegueira? Esse foi o ponto decisivo. Somente naquele momento Sansão pôde olhar para dentro e recuperar o sentido de sua vida e missão. Voltando-se para Deus, conseguiu vencer o narcisismo, arrependeu-se e mudou.

Paradoxo existencial

A mensagem bíblica volta-se repetidamente a este paradoxo existencial: o castigo convertendo-se em bênção. O modelo básico é o exemplo do próprio Cristo. A cruz, um símbolo de desgraça e humilhação, tornou-se o emblema de expiação e redenção. Aqui, a história bíblica é contrária à mitologia. Ao passo que essa termina em tragédia, a outra abre as portas da esperança. O mito leva o narcisismo a seu desfecho fatal, ao passo que a mensagem bíblica nunca exclui a possibilidade de mudança.

Tivesse vivido hoje, Sansão teria sido o Hércules da tela. Foi protagonista de um drama estético, mais do que o símbolo do heroísmo épico. Na superfície, sua história começa com exaltadas esperanças e termina em catástrofe, como no mito de Narciso. Todavia, o último ato na vida de Sansão foi um ato de consagração, um ato que mostrou esperança, fé e amor que se sacrifica por Deus e Seu povo.

Ellen White afirma: "No sofrimento e humilhação, como brinquete dos filisteus,

Sansão aprendeu mais acerca da sua fraqueza do que jamais soubera antes; e as aflições o levaram ao arrependimento."⁷ Só nesse momento ele ouviu o chamado de Deus. Até então, tinha vivido à margem da transcendência, usando Deus a seu bel-prazer (Juízes 15:18). Foi na crise final que ele percebeu a dimensão da fé.

A vitória

Na mitologia grega, Narciso era o deus do amor-próprio, interessado apenas em satisfazer seu prazer, completamente indiferente para com Deus e as necessidades dos outros. Simboliza orgulho, vaidade, convencimento e hedonismo. Muito de nossa cultura reflete os valores falsos do narcisismo. A sociedade contemporânea procura congelar a adolescência, exorcizar a velhice, idolatrar o prazer e viver no espírito do encanto e da sedução. Mas o mito leva à tragédia e à destruição própria.

Em contraste com esse mito fatal, a história bíblica de Sansão oferece uma alternativa de fé e esperança. De modo surpreendente, mas apropriado, Paulo coloca Sansão na galeria dos heróis da fé (Heb. 11:32). Por quê? O que era heróico na vida desse indivíduo? Não eram suas proezas em combater os filisteus, nem a força de seu governo, mas o ato corajoso de entregar a vida para a salvação de seu povo.

Diferente de Narciso, que sucumbiu ao encanto de contemplar a própria imagem, Sansão foi obrigado a deixar de contemplar a si mesmo a fim de responder ao chamado para o sacrifício. As horas escuras da crise destruíram-lhe o orgulho e fizeram-no cumprir o alvo de sua vida, assumindo seu destino como libertador num gesto final. Preferiu morrer a fim de salvar seu povo da opressão estrangeira.

Num mundo saturado com o culto do narcisismo, a história de Sansão ensina que nada resta na vida quando se perde o senso de missão. A narrativa bíblica consistentemente realça que o significado da vida pode ser achado em Deus e nele somente. Longe do eu e ancorado em fé, esperança e amor.

Referências:

- 1 Sigmund Freud, *Introducción al Narcisismo*, in *Obras Completas*, Madrid: Biblioteca Nueva, vol. 1, págs. 1083-1096.
- 2 Laplanche J. e J. B. Pontalis, *Diccionario de Psicoanálisis*, 3ª. ed. Revista, Barcelona: Editorial Labor, 1981.
- 3 E. Rojas, *El Hombre Light: Uma Vida Sin Valores*, Madrid: Ediciones Temas de Hoy, 1992.
- 4 M. Kundera, *La Insoportable Levedad del Ser*, 2a. ed., Barcelona: Tusquets Editores, 1990.
- 5 *Ibidem*, pág. 140.
- 6 *Ibidem*.
- 7 Ellen White, *Patriarcas e Profetas*, Tatuí, SP, Casa Publicadora Brasileira, 1995, pág. 566.

Sob fogo cruzado

SAMUELE BACCHIOCCHI

Ph.D., professor de História da Igreja e de Teologia, na Universidade Andrews, Estados Unidos



Poucas doutrinas bíblicas têm estado sob constante fogo cruzado através da história cristã como a doutrina do sábado. Em seus dois volumes bibliográficos a respeito da questão sábado/domingo, da Reforma até 1860, J. A. Hessey relaciona cerca de mil tratados.¹ No último século um número ainda maior de pesquisas sobre o mesmo assunto foi publicado. Na verdade, podemos dizer que o sábado não tem descanso.

Em tempos recentes, a controvérsia reacendeu através de três fatos: numerosos artigos e dissertações doutorais, escritos por eruditos guardadores do domingo argumentam favoravelmente à origem apostólica desse dia e a ab-rogação do sábado; o abandono da guarda do sábado por organizações como a Igreja Mundial de Deus; e a Carta Apostólica *Dies Domini*,

do papa João Paulo II, publicada em julho do ano passado, na qual ele conclama os fiéis a um reavivamento da observância do domingo.

O presente artigo focaliza esses fatos recentes dentro de um mais amplo contexto histórico da origem e desenvolvimento de uma teologia contrária à observância do sábado.

Teologia anti-sabática

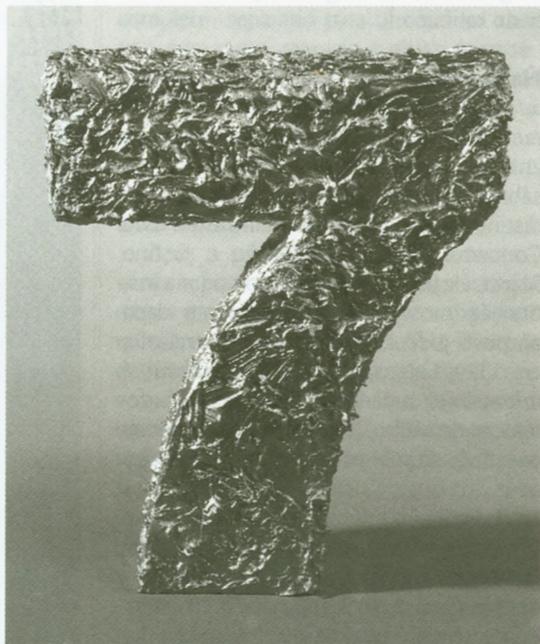
As idéias contrárias à observância do sábado remontam ao tempo de Adriano, imperador romano que promulgou uma legislação antijudaica em 135 d.C., proibindo categoricamente as práticas do judaísmo em geral e a guarda do sábado em particular. Seu objetivo era liquidar o judaísmo num tempo em que os judeus estavam experimentando um ressurgimento das expectativas messiânicas, traduzidas em insurreições em vários pontos do império, especialmente a Palestina.

Nessa época, bastante crítica, os autores romanos produziram um vasto corpo de literatura anti-semítica atacando os judeus tanto no sentido ético como religioso. Os autores cristãos entraram na briga produzindo suas polêmicas antijudaicas pessoais. Por exemplo, o autor da Epístola de Barnabé (130-138) difama os judeus como "homens desprezíveis" (16:1) abandonados por Deus devido à sua velha idolatria (5:14), e rejeita qualquer validade histórica de suas práticas religiosas tais como a guarda do sábado (15:1-8).

Por volta desse mesmo tempo, Justino Mártir desenvolveu uma teologia "cristã" do sábado menosprezando os judeus e tornando o sábado uma ordenança mosaica temporária, exclusivamente para os judeus, "um sinal para identificá-los como punição merecida por causa de suas infidelidades".² Justino argumenta que o Novo Concerto "não requer abstinência de trabalho um dia na semana" mas "observância de um sábado perpétuo" através da abstinência do pecado.³

A teologia anti-sabática de Justino tem sido proposta de diferentes maneiras através dos séculos. Ultimamente, os dispensacionalistas e aqueles que possuem uma visão errônea a respeito do Novo Concerto mantêm essencialmente o mesmo ponto de vista: o sábado é uma ordenança mosaica temporária, apenas para os judeus, e assim não se relaciona aos cristãos, que observam o dia espiritualmente por aceitarem o repouso da salvação, sem deixar de trabalhar no sétimo dia.

No segundo século, os cristãos foram obrigados a passar o dia de sábado jejuando, uma prática introduzida provavelmente pelo gnóstico Marcião, conhecido por seus ensinamentos contra o judaísmo e o sábado. O jejum sabático foi promovido por decreto papal com o objetivo de mostrar, como disse o papa Silvestre



(314-335), separação dos judeus e menosprezo por eles.⁴

A Igreja Católica obrigou essa prática por séculos. Na verdade, durante o século II, o papa Leo IX tentou impor o jejum sabbático às igrejas gregas orientais, que se recusaram aceitá-lo. Isso contribuiu para o rompimento histórico entre as igrejas latinas e orientais, em 1054 d.C.

Na Idade Média

Um fato novo ocorreu na esteira da lei dominical de Constantino, em 321 d.C.

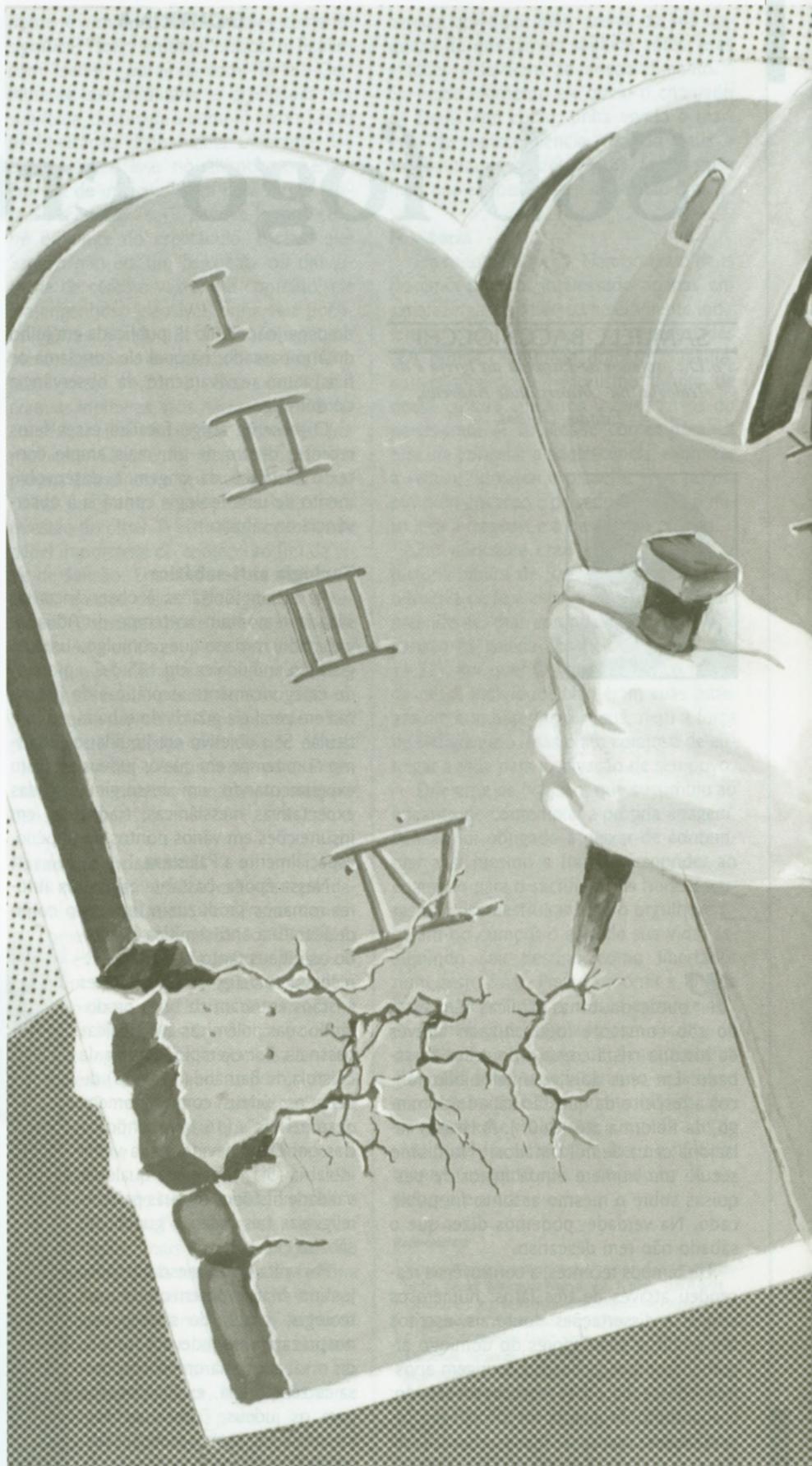
A ausência de qualquer mandamento de Cristo ou dos apóstolos relacionado com a observância do domingo fez com que os líderes da igreja o defendessem recorrendo ao quarto mandamento. O aspecto moral foi entendido como a ordenança, na Criação, de se observar um dia em sete. O aspecto cerimonial foi interpretado como a especificação mosaica do sétimo dia. Assim o sábado, como o princípio de "um dia em sete", dizia respeito aos cristãos; mas como especificação do "sétimo dia" foi representado como sendo abolido por Cristo, em virtude de que foi, como se afirmava, designado para auxiliar os judeus na comemoração da Criação e para que experimentassem repouso espiritual.

Essa distinção artificial, articulada especialmente por Tomás de Aquino (1225-1274), tornou-se o padrão racional para defender o direito de a Igreja introduzir e regulamentar a observância do domingo e dias santificados. O resultado foi a elaboração de um sistema legalístico de guarda do domingo semelhante ao sábado rabínico.⁵

Na Reforma

Os reformadores do século 16 propuseram com novas qualificações as distinções entre os aspectos moral e cerimonial do sábado. Martinho Lutero, defendeu uma distinção radical entre o Velho e o Novo Concerto. Tal como Marcião e Justino Mártir, ele atacou o sábado como uma instituição mosaica "especificamente dada ao povo judeu".⁶ No *Grande Catecismo*, em 1529, Lutero explicou que o sábado é um assunto superficial, como outras ordenanças do Velho Testamento. Ele colocou o sábado como parte dos costumes judeus dos quais Cristo nos libertara.⁷

A distinção luterana entre o Velho e o Novo Concerto, ou a lei e o evangelho, foi adotada e desenvolvida por muitas denominações contemporâneas, incluindo a Igreja Mundial de Deus. Essas igrejas





geralmente ensinam que o sétimo dia é uma instituição mosaica abolida por Cristo. Conseqüentemente, os cristãos do Novo Concerto estão livre de sua atual observância.

Calvino rejeitou a antítese de Lutero entre a lei e o evangelho. Em seu esforço para manter a unidade básica do Velho e do Novo Testamento, Calvino cristianizou a lei, espiritualizando, pelo menos em parte, o mandamento do sábado. Ele aceitou o sábado como uma ordenança, desde a Criação, para a humanidade; mas apesar disso manteve que com "o advento de nosso Senhor Jesus Cristo, a parte cerimonial do mandamento foi abolida".⁸ A visão calvinista é adotada por igrejas protestantes tradicionais como os presbiterianos, congregacionalistas, metodistas e batistas.

As contradições entre os aspectos moral e cerimonial do quarto mandamento têm gerado duas principais visões opostas sobre o relacionamento entre a observância do domingo e o mandamento do sábado. Por um lado, as tradições católica e luterana enfatizam o alegado aspecto cerimonial do quarto mandamento, supostamente abolida por Cristo. Conseqüentemente, elas divorciam grandemente a guarda do domingo do mandamento do sábado, tratando o domingo como uma ordenança eclesial, instituída primariamente para habilitar o povo a assistir aos serviços religiosos semanais.

Por outro lado, as igrejas protestantes tradicionais dão realce ao aspecto moral do mandamento do sábado, vendo-o como um dia de louvor e repouso, instituído na Criação para toda a humanidade. Conseqüentemente, eles promovem a guarda do domingo como sendo uma legítima substituição e continuação do sábado do Velho Testamento.

Nos dias atuais

Essas duas visões são refletidas em publicações recentes. A visão luterana, abolindo o sábado do sétimo dia, é desposada num material editado por Donald Carson em 1982, intitulado *From Sabbath to Lord's Day* (Do Sábado ao Dia do Senhor), e outra obra, de Willy Rordorf, *Sunday: The History of the Day of Rest and Worship in the Earliest Centuries of the Christian Church* (Domingo: A História do Dia de Repouso e Culto nos Primeiros Séculos da Igreja Cristã), publicada em 1968. Os dois estudos defendem a tese de que a guarda do sábado não é uma ordenança da Criação relacionada aos cristãos, mas

uma instituição mosaica anulada por Cristo. Conseqüentemente, o domingo não é visto como um sábado cristão, mas uma exclusiva criação cristã, introduzida para comemorar a ressurreição de Cristo tal como a Ceia do Senhor.

Recentemente, a visão da ab-rogação do sábado vem sendo adotada com algumas modificações pela Igreja Mundial de Deus, cujos líderes declararam em 1995 que o sábado é uma instituição do Velho Concerto, mosaica, que terminou na cruz. A mesma visão é apresentada em *The Sabbath in Crisis* (O Sábado em Crise), de Dale Ratzlaff, um ex-pastor adventista. A crença da Igreja Mundial de Deus e de Ratzlaff é que o Novo Concerto não manda observar qualquer dia. Argumentam que o repouso sabático foi cumprido em Cristo, que diariamente oferece a tantos que O aceitam o repouso da Sua salvação.

A tradição protestante, que vê o domingo como o sábado cristão, é refletida no estudo de Roger T. Beckwith e William Stott, de 1978, intitulado *This is the Day: The Biblical Doctrine of the Christian Sunday* (Este é o Dia: A Doutrina Bíblica do Domingo Cristão). Os autores argumentam que os apóstolos usaram o sábado para emoldurar o domingo como seu novo dia de repouso e culto.⁹ E concluem que "à luz do Novo Testamento como um todo, o Dia do Senhor pode ser claramente visto como um sábado cristão – o cumprimento no Novo Testamento daquilo que o Velho Testamento apontava".¹⁰

A implicação prática dessa conclusão é que o domingo poderia ser observado meramente em parte, mas como "um dia completo, separado para um festival santo... para culto, repouso e obras de misericórdia".¹¹ A Aliança do Dia do Senhor promove ativamente esse ponto de vista através de sua revista oficial, *Sunday*, e outros veículos.

Dies Domini

Após a precedente análise da controvérsia sobre o sábado e o domingo, chegamos a um histórico documento, digno de reflexão: a Carta Apostólica *Dies Domini*, de João Paulo II. Dois aspectos significativos daquele documento são a conexão teológica entre o sábado e o domingo, e o requerimento de uma legislação civil que facilite a guarda desse dia.

Uma faceta surpreendente dessa carta papal é a maneira como João Paulo desenvolve o fundamento teológico da observância do domingo. Ele apela para a continuidade do mandamento sabático, em

lugar da tradicional distinção entre os aspectos moral e cerimonial do mandamento. O papa destaca corretamente o desenvolvimento teológico do sábado, desde a Criação (Gên. 2:1-3; Êx. 20:8-11) ao repouso da redenção (Deut. 5:12-15). Descreve o sábado como um "tipo de sagrada arquitetura do tempo que marca a revelação bíblica. Ele recorda que o Universo e a História pertencem a Deus; e sem constante conscientização dessa verdade, a humanidade não pode servir no mundo como cooperadora do Criador".

Contrário aos dispensacionalistas, que enfatizam a revogação do sábado na cruz, o papa afirma a sua continuidade na observância do domingo, que personifica e preserva a teologia e prática do sábado. O papa declara: "Mais que uma substituição do sábado, portanto, o domingo é seu cumprimento, em certo sentido sua extensão e expressão completa no encomendado desenvolvimento da história da salvação, que alcança sua culminância em Cristo."

O papa mantém que os cristãos do Novo Testamento "fizeram do primeiro dia depois do sábado um dia festivo" porque descobriram que os méritos criativos e redentivos celebrados pelo sábado encontraram sua "completa expressão na morte e ressurreição de Cristo, embora seu cumprimento definitivo não aconteça até a *Parousia*, quando Ele retornar em glória".

O problema, entretanto, é que, de uma perspectiva bíblica, não há indicações de que os cristãos do Novo Testamento sempre interpretaram o dia da ressurreição de Cristo como representando o cumprimento e "completa expressão" do sábado. Na verdade, o Novo Testamento não atribui nenhum significado litúrgico ao dia da ressurreição, simplesmente porque esse acontecimento foi visto como uma realidade existencial experimentada pelo poder do vitorioso Salvador ressurreto. Não foi uma prática litúrgica, associada com o culto dominical.

Nenhuma das alocuções do Salvador ressurreto revela alguma intenção de instituir o domingo como o novo dia cristão de repouso e culto. Instituições bíblicas tais como sábado, batismo e ceia têm sua origem em um ato divino que as estabeleceu. Mas não existe ato semelhante para sancionar um domingo semanal como memorial da ressurreição.

Legislação civil e domingo

Em sua carta pastoral, o papa devota um dos cinco capítulos (o quarto) para

enfatizar tanto a obrigação moral de observância do domingo como a necessidade de uma legislação que facilite o cumprimento dessa obrigação. O papa encontra "razões subjacentes para guardar o santo Dia do Senhor inscrito solenemente nos Dez Mandamentos". Evoca o mandamento do sábado, não os concílios de sua Igreja, para justificar a obrigação moral de guardar o domingo, porque reconhece que o quarto mandamento provê a mais poderosa convicção moral que os cristãos necessitam para santificar o Dia do Senhor.

O problema, no entanto, nesse raciocínio é que o domingo não é o sábado. Os dois dias são diferentes não apenas em sua nomenclatura ou seu número de ordem, mas também em sua origem, seu significado e sua experiência.

Nenhuma das
alocuições do Salvador
revela alguma
intenção de instituir
o domingo como o
Dia de repouso
e culto.

Em termos de experiência, por exemplo, a essência da guarda do sábado é consagração do tempo ao Senhor, dando-Lhe prioridade nos pensamentos e na conduta, durante as 24 horas do sábado. Ao contrário, a essência da guarda do domingo, tal como aparece na carta pastoral do papa é assistir aos serviços religiosos. O domingo, segundo a *Apologia 67*, de Justino Mártir, deveria originalmente ter uma hora de culto, seguida por atividades seculares normais. Apesar dos esforços feitos por Constantino, pelos concílios da Igreja e pelos puritanos no sentido de tornar o domingo um dia santo, ele continua sendo largamente limitado a uma hora de culto, não sendo o dia de repouso e louvor.

O reconhecimento dessa realidade histórica fez possível em tempos recentes antecipar a obrigação do culto dominical para a tarde de sábado, uma crescente prática comum não apenas entre católicos, mas também entre os protestantes, em muitos lugares.

Para facilitar a submissão à obrigação moral de observar o domingo, o papa convoca os cristãos "para garantir que uma legislação civil respeite seu dever de guardar o dia santo". No entanto, leis dominicais não têm favorecido a assistência às igrejas. Na Europa ocidental, elas fizeram efeito durante muitos anos, mas a assistência aos cultos é mais baixa que nos Estados Unidos. Depois, uma legislação dominical é supérflua atualmente, porque uma semana reduzida para cinco dias de trabalho já torna possível a qualquer pessoa cultuar tanto no sábado como no domingo.

Uma solução possível para a crise de declínio da frequência à igreja é concedida na carta papal. Ela intima os cristãos para viver de acordo com os princípios dos Dez Mandamentos. O quarto mandamento é caracterizado pela sua ordem específica para que os cristãos lembrem-se do que têm esquecido: que o sétimo dia é santo ao Senhor nosso Deus (Exo. 20:8-11).

Um fato importante que leva muitos cristãos a se esquecerem da observância do sábado é a teologia anti-sabática que os tem privado da convicção moral necessária, lembrando que o sábado é o dia santo instituído por Deus.

O sábado ainda está sob fogo cruzado, mas isso vitima aqueles para quem ele foi feito e se recusam a aceitá-lo, privando-os da renovação física, mental e espiritual. Em um tempo quando muitos estão buscando repouso e liberdade, o sábado ainda nos convida a parar nossas atividades seculares por um dia, e experimentar mais plena e livremente a presença, a paz, e o repouso de Cristo em nossa vida (Heb. 4:10).

Referências

- 1 J. A. Hessay, *Sunday, Its Origin, History and Present Obligation*. Londres: Murray Pub. Co., 1860.
- 2 Justino Mártir, *Dialogue With Trypho 23, The Writings of Justin Martyr*, T. B. Falls, tr. Nova York: Christian Heritage, 1948, pág. 182.
- 3 Justino Mártir, *Dialogue With Trypho 12, Writings of Justin Martyr*, pág. 166.
- 4 S. R. E. Humbert, *Adversus Graecorum Calumnias 6, Patrologie Latina*, ed. J. P. Migne, Paris: Garnier Freres, 1844, págs. 143 e 937.
- 5 L. L. McReavy, *Clergy Review 9*, 1935, pág. 279; Paul K. Jewett, *The Lord's Day*, Grand Rapids: Eerdmans, 1972, págs. 128-169.
- 6 *Luther's Works*, 1958, 40:93; Richard Muller, *Adventisten-Sabbat-Reformation*, Lund: Studia Theologica Lundensia, 1979, págs. 32-60.
- 7 *Concordia or Book of Concord, The Symbols of the Evangelical Lutheran Church*, St. Louis: Concordia Publishing House, 1957, pág. 1974.
- 8 João Calvino, *Institutes of the Christian Religion*, tr. Henry Beveridge, Grand Rapids: Eerdmans, 1972, 1:341.
- 9 *Ibid.*, 26; cf. 2-12.
- 10 *Ibid.*, 45 e 46.
- 11 *Ibid.*, 141.

Tempo de sobra

MÁRCIO DIAS GUARDA

*Editor de Mídia Digital da Casa
Publicadora Brasileira*



AFC

É isso mesmo! estou-lhe prometendo tempo. Você quer? Quem resiste a uma tal oferta?

No começo do meu ministério, há mais de 25 anos, vi a propaganda de um livro com o seguinte título: *How to Find Time for Better Preaching and Better Pastoring* (Como Encontrar Tempo para Pregar Melhor e Pastorear Melhor). Claro que não resisti. Pedi o livro e fiquei esperando ansiosamente, por várias semanas, até que chegou dos Estados Unidos.

Quando recebi o livro, tive várias decepções. Primeiro, pelo tamanho; só 112 páginas. Eu esperava mais material, algo como um manual completo para a organização da minha semana de trabalho, bem como inúmeras sugestões para o meu calendário de púlpito, e ainda dicas para multiplicar a eficiência do meu trabalho pastoral, incluindo a visitação, evangelismo e administração da igreja.

Nada disso. O livro contém apenas três idéias, que poderiam ser expressas em três linhas de texto, ou, com um pou-

co de explicação, em uma página. Minha primeira reação foi rejeitar o livro (como acontece com pelo menos um de cada dez livros que compro e acabo jogando no lixo), mas depois de uma leitura dinâmica comecei a achar que o Dr. Joseph McCabe (o autor), que estudou em Princeton e Edimburgo e, na época, dirigia um seminário teológico no Estado de Iowa, Estados Unidos, poderia ter alguma razão. Suas três idéias poderiam representar um "ovo de colombo", uma obviedade utilíssima que talvez eu não descobrisse de outra forma!

Foi preciso voltar ao livro, mais uma ou duas vezes, e meditar naquelas três singelas sugestões, com um pouco menos de orgulho, para perceber que eram, sim, aplicáveis, úteis e valiosas. Afinal, o Dr. McCabe, que, além de todos os títulos acadêmicos e vários outros livros escritos, escrevera esse com mais de 60 anos de idade e com a bagagem de 25 anos de obra pastoral, antes do magistério.

Ele começa descrevendo o declínio da obra pastoral e chega a afirmar que "se o protestantismo vier a morrer, a espada no seu coração será o sermão". Com as muitas tarefas adicionadas pela modernidade (!) ou pela sofisticação dos níveis administrativos e departamentos da igreja o trabalho de púlpito tem se tornado cada vez mais deficiente. Não sei quantos dos que vão ler estas opiniões mais ouvem sermões do que pregam, mas confesso que passei a notar essa superficialidade dos sermões quando me tornei mais ouvinte do que pregador. O mesmo pode ser dito de alguns outros aspectos da obra pastoral, como a visitação. Pela soma desses fatores, o resultado não poderia ser outro: a frequência à igreja está em níveis baixíssimos. Além do sábado de manhã, quando muitos vão pela força do hábito, a maioria dos membros só vai à igreja quando se anuncia "programação especial, com muita música, filmes, etc."

McCabe não sugere apenas o fortalecimento da pregação, mas com sua proposta tenta livrar mais tempo do pastor para a sua obra pastoral: a visitação, o diálogo com os membros e o aconselhamento, para que "cada contato com o pastor seja um contato pastoral". Ele mostra também como o papel profético do pastor (no púlpito) se relaciona diretamente com seu papel pastoral (no atendimento individual aos membros). Aliás, sobre isso, ele resume muito bem sua posição no seguinte jogo de palavras:

"O profético sem o pastoral é ineficaz. O pastoral sem o profético é uma deslealdade. O pastoral equilibrado com o profético é o cumprimento da missão bíblica."

Mas, antes que alguém pare de ler, incomodado com esta introdução um tanto longa, vou passar imediatamente a tratar das três sugestões contidas no livro. Julguei necessário apresentar todo esse panorama antes para que um menor número de leitores cometesse o mesmo erro que eu cometi inicialmente, desprezando as propostas, já que se tratam de um verdadeiro "ovo de colombo". E não poucos dirão: "isso eu já faço". Duvido. É preciso fazer sistematicamente, de maneira consciente, para que o tempo ganho seja empregado de forma sábia, produtiva, e os resultados sejam percebidos, para a alegria do servo de Deus e realização dos que trabalham com ele.

Sermão trocado

Para colocar em prática a primeira parte do plano do Pastor McCabe, cada pastor deve encontrar um parceiro (outro pastor, com semelhante experiência, que esteja trabalhando num distrito próximo ao seu e cuja igreja-sede não seja muito maior nem muito menor que a igreja-sede do primeiro). Os dois pastores vão trocar de púlpito, nos mesmos dias, quatro vezes ao ano. Tomando-se por base que o preparo de um bom sermão leva, em média, dez horas, com esse plano, cada pas-

tor terá pelo menos 40 horas anuais, pois terá que preparar quatro sermões a menos.

Como cada pastor, seguramente, vai escolher um dos seus melhores sermões, ao trocar de púlpito, ambas as congregações vão ficar muito bem alimentadas, naquele dia, e os pastores estarão reutilizando um sermão já pregado e testado.

O que terá de acontecer com esses dois pastores na semana que antecede o púlpito trocado? Terão dez horas a mais para a visitação, estudos bíblicos nos lares, etc. Concorde que além de melhorar a qualidade da pregação esse projeto também contribui para melhorar o atendimento pastoral? Na experiência do Pastor McCabe, 93% dos membros de igrejas cujos pastores adotaram o plano do "sermão trocado" aprovaram, confirmando que o nível das pregações não caiu (ao contrário, e até novos membros foram atraídos pelo "pastor diferente") e também seu pastor pôde melhorar o atendimento ao rebanho.

Sermão repetido

A segunda parte do programa, proposto no livro em análise, sugere ao pastor a repetição, deliberada e planejada, de três ou quatro de seus sermões, durante o ano.

Por exemplo, ao final de cada semestre, ele apresenta para a igreja uma lista do que ele considerou seus dez ou doze melhores sermões ali pregados e pede à igreja para escolher dois deles para serem repetidos, em algum momento do próximo semestre. Naquela semana que o pastor vai reapresentar um sermão à sua igreja, ele deixa de gastar as dez horas ou mais de preparo, e utiliza esse tempo na obra pastoral, ou pelo menos diminui seu estresse.

Antes que alguém venha com gracinha, dizendo que o pastor anda meio ruim da memória ou não anota os sermões que prega em cada lugar, é bom lembrar que tudo isso é feito com a anuência da igreja e também com o entendimento de que o índice de retenção, por parte dos ouvintes, é baixo, principalmente se o sermão for um pouco mais profundo. Outra coisa: não se ouve uma boa música mais de uma vez? Alguém aprende uma música ou assimila toda a sua mensagem ao escutá-la pela primeira vez? Por que tem que ser assim com os sermões, bem mais longos e complexos que as músicas?

Você sabia que um dos mais famosos sermões de Clarence McCartney, "Venha antes do inverno", sobre o pedido de Pau-

lo a Timóteo, na sua segunda carta, McCartney o repetiu cada ano, na mesma igreja durante 17 anos? E sempre lotava a igreja. Se você preparar um sermão que seja tão útil ao seu povo, por que não repeti-lo até que seja assimilado?

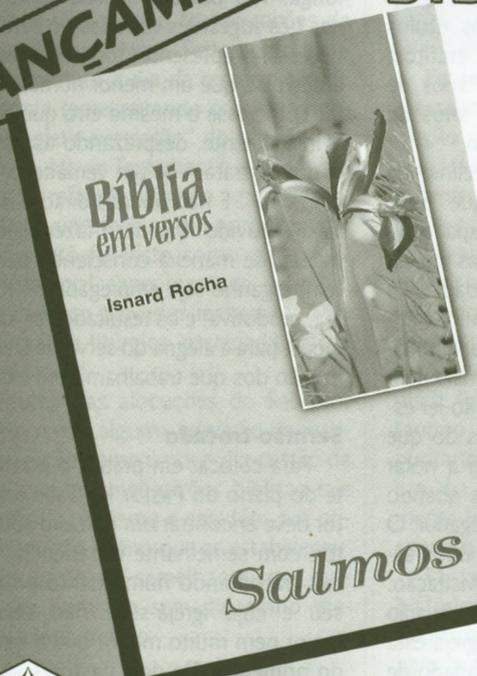
Sermão emprestado

A terceira idéia de McCabe é a seguinte: duas a três vezes por ano, o pastor deveria tomar emprestado um sermão de algum pregador famoso e apresentá-lo à sua congregação. Mais uma vez, os objetivos são: diminuir o tempo gasto no preparo, melhorar a qualidade do sermão e livrar tempo para a obra pastoral. A propósito, já preguei em algumas igrejas o sermão que mencionei no parágrafo anterior, "tomando-o emprestado" de McCartney. Esse sermão é maravilhoso, tem um apelo ótimo; e se você o escolher para pregar num sábado meio frio, dos meses de abril ou maio, no Rio Grande do Sul, como eu fazia, o efeito será ainda melhor.

Bem, meu espaço está no fim e já lhe revelei o "ovo de colombo" de McCabe. É tudo tão óbvio, mas quem praticar isso vai ter pelo menos mais cem horas anuais para o seu pastorado.

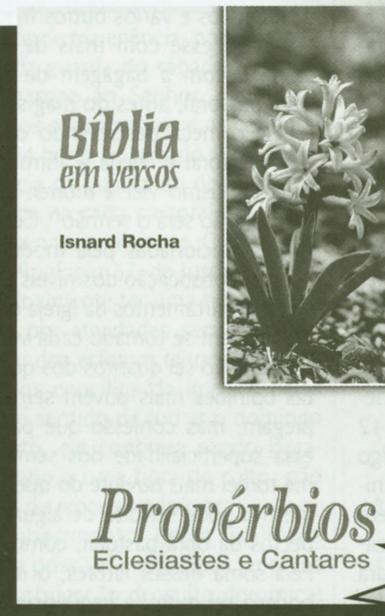
LANÇAMENTO

BÍBLIA, PRESENTE DE DEUS



Bíblia em versos
Isnard Rocha

Salmos



Bíblia em versos
Isnard Rocha

Provérbios
Eclesiastes e Cantares

Bíblia em versos

- ler e decorar
- dar de presente
- Evangelizar

Ligue Grátis
0800-552616
Para Fazer Seu Pedido

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Caixa Postal 34 - Tatuí, SP - CEP 18270-000 - Tel.: (015) 250-8800 - Fax: (015) 250-8900

A crise do divórcio

ROBERT PEACH

*Diretor do Centro Kettering
de Atendimento a Clérigos*



Divulgação

"Por uns instantes eu pensei que estava ficando louca. Algumas vezes, chorava durante horas. Então era dominada por um terrível medo; na verdade, ficava apavorada. Uma vez surpreendi-me fantasiando a respeito de suicídio, depois de matar meu marido, justamente quando comecei a pensar que o estava perdendo.

"Tinha a sensação de ter um nó no estômago, por várias semanas. Sabia que estava sobrecarregada, mas não sabia como me livrar disso. Havia tantas grandes decisões a serem tomadas, e meus sentimentos estavam flutuando. Eu estava realmente desgastada."

Essa é a voz do sofrimento. Voz que descreve o trauma do divórcio. Mas seria o divórcio uma crise? Considere a definição de crise, segundo o conceito de Swihart e Richardson: "o desequilíbrio produzido por uma ameaça percebida ou um proces-

so de adaptação os quais achamos difícil administrar."² Se essa é realmente uma definição de crise, poucas experiências na vida habilitam-se a esse rótulo como o divórcio. Seu impacto traz desequilíbrio não apenas para duas pessoas, mas a muitas outras. As dificuldades relacionadas a ele são freqüentemente devastadoras.

Uma escala elaborada por Holmes e Rouhe, para medir o nível de impacto produzido pelas mudanças que ocorrem na vida de uma pessoa, coloca o divórcio e a separação conjugal como causadores mais fortes de turbulência emocional, somente superados pela morte do cônjuge.³ Pesquisas indicam que o índice de suicídio e de procura por tratamento psiquiátrico é maior entre as pessoas que enfrentaram o processo de divórcio, do que entre indivíduos solteiros ou que permanecem casados. As doenças também tornam-se mais freqüentes, na medida em que o sistema imunológico é alterado pelo estresse, na pessoa que está se divorciando.⁴ Joseph Epstein, cientista social especializado em divórcio, diz que "enfrentar o divórcio não é uma questão de como facilitar o procedimento, civilizar a conduta das partes envolvidas, ou quanto dinheiro está disponível para amaciar a queda. Enfrentar o divórcio é caminhar para um inferno pessoal".⁵

As estatísticas revelam que, pelo menos nos Estados Unidos, o número de divórcio é quase igual à metade dos casamentos realizados cada ano. Assim, a maioria dos pastores terá de enfrentar uma situação de crise de divórcio em algum momento. E o conselho de Paulo é oportuno: "Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo." (Gál. 6:2). Onde quer que haja fardos a serem carregados, sofrimento e medo; onde quer que as pessoas necessitem saber que Deus

as ama; onde quer que elas precisem ser encorajadas com o investimento de Deus na vida, aí o pastor deve estar presente, exercendo seu ministério de restauração.

Este artigo tem como objetivo o ministério pastoral durante a crise do divórcio. Os alvos da intervenção pastoral, as perdas no divórcio, os estágios da aflição, as complexidades do divórcio, e, finalmente, o papel do pastor ao ministrar em meio ao conflito do divórcio.

Objetivos da intervenção

Os próximos seis objetivos, entre outros, são essenciais para que os pastores estejam bem atentos ao ministrarem numa situação de divórcio:

Ouvir. Ouça cuidadosamente a fim de poder captar alguma expressão de sofrimento ou frustração.

Transmitir segurança. Esteja certo de que o casal não corre o risco de magoar-se mutuamente, ou magoar alguém.

Salvar o casamento. Avalie a possibilidade de restaurar a união. Lembre-se de que o casal está falando de divórcio num clima carregado de tensão emocional. Portanto, não tenha como definida a concepção de que não há chance de preservar o casamento. A situação de crise significa que as pessoas freqüentemente estão sendo reativas e irracionais. Convide-as a pensar em qualquer possibilidade de mudança de pensamento, que poderia levar à continuidade da união.

Converse com cada um separadamente sobre o relacionamento deles. Isso elimina a possibilidade da presença constrangedora do parceiro, e encoraja uma discussão racional da questão. Em alguns casos uma avaliação dos efeitos do divórcio poderá ser benéfica.

Tomar decisões. Enfatize a necessidade

de o casal tomar decisões de qualidade. Decisões acertadas.

Recomeço. Analise as habilidades que o casal possui para recomeçar. Se necessário, sugira maneiras pelas quais ambos podem fortificar seus laços emocionais e seu comportamento.

Aconselhamento profissional. Se for apropriado, indique um conselheiro matrimonial especializado, com quem o casal possa conversar.

Perdas

O divórcio, evidentemente, produz muitos tipos de perda; alguns óbvios, outros tipos não tão óbvios. Os pastores necessitam identificar essas perdas e ministrar direcionado a elas.

Algumas perdas que requerem atenção pastoral são as relacionadas com auto-estima, identidade, domínio e proteção. É possível ao pastor empregar poderosos recursos para ajudar a pessoa a administrar essas perdas. Deixe muito claro que a dor de uma pessoa interessa a Deus e a outros cristãos. Isso é muito importante.

Tristeza

Desde a ocasião em que o divórcio acontece, até a recuperação, o processo tem sete estágios: choque, negação, ira, barganha, depressão, aceitação e reconstrução.⁶

O choque é uma reação ao fato da separação ou divórcio. Uma estabilidade emocional letárgica isola a pessoa da realidade. Então ela muda para um estágio de negação no qual age como se o divórcio não fosse uma realidade presente. A ira frequentemente segue-se à negação, com as emoções tornando-se mais fortes para tratar com a realidade da situação. Enquanto o casal enfrenta a realidade, pode tentar barganhar com os fatos. Isso pode ser positivo, se o marido e a mulher desejam mudar seu relacionamento e comportamento.

Se a tensão continuar e o relacionamento permanecer sujeito a ofensas, pode-se estabelecer o estágio de depressão. Entretanto, se o casal percebe que o casamento acabou e começa a lançar mão da barganha, está pronto para o próximo estágio – a aceitação.

O casal aceita a realidade da morte do casamento. O cônjuge não voltará. O relacionamento, como era antes, está morto. Embora possam até manter contatos, por causa dos filhos e outras razões, não há mais relacionamento conjugal. O estágio final é a reconstrução da vida. Nessa fase, a pessoa deve ser capaz de avançar para o

futuro sem o antigo relacionamento. Esperançosamente, enfrenta a si mesma, aceita a mudança e conquista o crescimento necessário para impedir que os problemas do passado ressuscitem.

Complexidades

Uma outra maneira pela qual o pastor pode ser um sábio ajudador na crise de divórcio é a compreensão dos múltiplos aspectos de sua complexidade. Como Paul Bohana aponta, existe 1) o divórcio emocional, 2) o divórcio legal, 3) o divórcio econômico, 4) o divórcio co-parental, 5) o divórcio da comunidade, e 6) o divórcio físico, ou de identidade pessoal.⁷ Poderíamos ainda adicionar, como o faz David Thompson, o divórcio espiritual.⁸

No processo de aconselhamento, o pastor não necessita assumir a responsabilidade por esses múltiplos aspectos do divórcio. Isso pode ser tarefa de uma ação mais profunda. No entanto, ele precisa compreender que esses aspectos, isoladamente ou combinados, podem precipitar uma crise emocional. Cada pessoa responde de maneira diferente aos variados aspectos do divórcio. A aquisição de algum conhecimento sobre os vários componentes do divórcio capacitará o pastor para uma intervenção mais efetiva.

Divórcio emocional. Esse é o aspecto mais facilmente reconhecido, em virtude de que é o mais esperado. O senso comum indica que relacionamentos emocionais, construídos durante muitos anos, não serão alterados facilmente, em curto prazo. O que surpreende é a inesperada intensidade das emoções. Se duas pessoas se tornaram uma, mesmo em um sentido relativamente restrito, o corte do relacionamento produzirá sofrimento: ira, temor, culpa, solidão, alívio, felicidade, as mais contraditórias emoções possíveis.

Os pastores precisam ser especialmente observadores das recaídas de instabilidade emocional que acontecem algum tempo depois do processo ter-se iniciado, ou mesmo depois da sua conclusão. Ajustes e alguma confusão ainda podem continuar, para muitas pessoas, durante muitos anos depois do divórcio, mesmo após um novo casamento.

Se uma pessoa torna-se muito instável, o pastor necessita ser direto, objetivo e específico, no sentido de transmitir-lhe segurança e garantir imediata satisfação de suas necessidades, bem como dos seus filhos menores. Não deve deixar, entretanto, de encorajá-la a assumir a responsabilidade por sua própria vida e suas



decisões. Isso nem sempre é fácil, porque o divorciado às vezes o pressiona com perguntas tais como "diga-me, o que devo fazer?". Nesse caso, apresente sempre várias alternativas para consideração. Deixe-o pesar cuidadosamente as opções, seus prós e contras, e tomar a decisão. As pessoas querem conselho dos pastores, não decisões.

O divórcio legal. Advogados, juizes e audiências completam o processo legal do divórcio. Mas as coisas podem se tornar muito complicadas. O divórcio legal traz consigo a resolução de muitas questões específicas: custódia e visitação dos filhos, apoio econômico, divisão de bens, planos de saúde e aposentadoria, etc.

O sistema judicial está baseado em



Werner

um relacionamento litigioso, ou seja, há um queixoso que diz ser vítima de algum erro, e um réu, que é acusado de perpetrar o erro. Mesmo em situações de divórcio amigável, não é usual para os dois lados a busca de uma resolução de questões legais fora desse contexto. O pastor pode ajudar recomendando um advogado cuja orientação minimize os aspectos inflamatórios dessa aproximação. Eles podem ser encontrados na própria congregação, através da recomendação de outro pastor da comunidade, ou de um conselheiro cristão local. Aconselhe o casal a adiar o processo legal até que esposo e esposa estejam absolutamente seguros de que não há esperança de reatamento. Se eles atenderem, envie-os

imediatamente a um conselheiro matrimonial cristão.

Divórcio econômico. Duas famílias não podem ser mantidas economicamente equilibradas como uma. Financeiramente, as coisas deverão ser mais rígidas do que antes do divórcio. A experiência indica que, nesse processo, a mulher sofre mais em termos de economia. A pensão alimentícia é atendida hoje com menos frequência do que no passado. Mesmo que a esposa receba alguma pensão, não raro será por um tempo limitado. É muito comum para o cônjuge que mantém a custódia dos filhos receber apoio, mas cobrar isso não é fácil. A igreja pode fazer alguma coisa para ajudar, provendo ajuda financeira durante um curto período, providenciando o cuidado pelas crianças, recomendação para algum emprego, alimentação, etc.

Divórcio co-parental. As crianças podem sofrer terrivelmente com o divórcio dos seus pais. Geralmente elas têm a tendência de assumir a culpa da situação. "Papai nos deixou porque eu não arrumava o quarto, conforme ele recomendava toda semana." Isso é um terrível fardo para uma criança suportar. Os adultos nem sempre percebem isso, e somente reconhecem a situação quando ouvem cuidadosamente.

Educadores cristãos devem estar atentos ao sofrimento que seus alunos possam estar sentindo. Transmitam-lhes a certeza de que não são culpados pela separação dos pais. Outrossim as crianças podem tornar-se a lamentável penhora nas batalhas emocionais pendentes entre os casais. Oriente os pais litigantes a não usarem as crianças como armas em qualquer conflito. Ajude-os a encontrarem melhores caminhos para administrar o ressentimento e a ira existente entre eles. Ajude-os a reconhecer que em circunstâncias normais seus filhos necessitam deles.

Divórcio da comunidade. Membros da igreja, amigos, vizinhos, parentes, colegas de trabalho, e quase todas as pessoas que vivem ao redor de um casal que está se separando são afetadas pela crise. Muitos casais afastam-se do círculo de apoio quando mais necessita dele. Outros agressivamente obrigam seus amigos comuns a tomar posição de um lado ou do outro. Para algumas pessoas, o divórcio coloca seu trabalho em perigo.

Divórcio de identidade pessoal. Redefinir-se a aceitar-se como uma pessoa divorciada é outra complexidade da crise de divórcio. O indivíduo deve aprender a pensar a respeito de si mesmo ou do cônjuge

através de novas maneiras. É necessário algum tempo para que a pessoa alcance esse estágio de ajustamento.

O divórcio espiritual. Resolver o dano que pode ocorrer no relacionamento de uma pessoa divorciada com Deus é muito importante. Questões a respeito da soberania divina, por que Ele permite que coisas ruins aconteçam aos Seus filhos, Sua confiabilidade, são parte da bagagem de um membro da igreja em processo de divórcio.

Também poderia haver questões como arrependimento e perdão, bem como o desafio de renunciar os sentimentos de vingança contra alguém. Ter ouvido bem aberto é sumamente importante. Às vezes, pessoas em crise expressam ira contra Deus. Isso pode ser muito desafiante para o pastor.

O papel do pastor

Estar livre para prestar assistência pastoral a um casal que está se divorciando é crítico. Entretanto, esse ministério não raro é impedido pelo conflito que muitos pastores enfrentam entre seu papel como pastor, ajudador das pessoas, e um administrador de disciplina. Deus aborrece o divórcio (Mal. 2:16) e o sofrimento que isso causa às Suas criaturas. A igreja busca compreender esse fato através de seus regulamentos eclesiásticos. No entanto, o pastor, ao mesmo tempo em que tenta ser um conselheiro confidente e administrador da disciplina da igreja, pode experimentar um papel frustrante no conflito. Mas esse papel pode ser bem direcionado se ele deseja tornar-se um ajudador eficiente, embora, às vezes, ser um conselheiro e um administrador de disciplina seja uma mistura insustentável no relacionamento.

Acredito que o pastor deve escolher qual dentre os dois papéis será o dominante em seu trabalho de aconselhar pessoas em crise de divórcio. Em todos os casos, porém, ele deve agir com muito amor.

Referências:

- 1 John P. Splinter, *The Complete Divorce Recovery Handbook*, Grand Rapids: Zondervan, 1992, págs. 38 e 56.
- 2 Judson J. Swihart e Gerald C. Richardson, *Counseling in Time of Crisis*, Dallas: Word Publishing, 1987, pág. 16.
- 3 Diane Medved, *The Case Against Divorce*, Nova York: Donald Find, Inc., 1989, pág. 197.
- 4 George Levinger e Oliver Moles, editores, *Divorce and Separation: Context, Causes, and Consequences*, Nova York: Basic Books, 1979, págs. 185-192.
- 5 Joseph Epstein, in Medved, pág. 200.
- 6 Splinter, *Op. Cit.*, pág. 35.
- 7 Paul Bohanan, in Levinger e Moles, pág. 181.
- 8 David A. Thompson, *Counseling and Divorce*, Dallas: Word Publishing, 1989, pág. 81.

O poder da Palavra



Divulgação

Pregar a Palavra de Deus é transformar vidas. Há quase um ano, tive a oportunidade de realizar uma campanha evangelística que focalizou os grandes temas da Bíblia. No final, cerca de 30 pessoas atenderam ao apelo para o batismo, alcançadas pelo poder transformador da Palavra.

Embora o resultado numérico varie de situação para situação, o que não muda mesmo é o impacto causado no coração quando a Palavra é proclamada e atendida. Desejo encorajá-lo a renovar sua experiência e testemunhar o poder da Escritura ao proclamar ativamente as seguintes realidades da Palavra de Deus:

A Palavra eterna. Antes de tudo, a Palavra de Deus é uma pessoa: Jesus Cristo. Quando você prega a mensagem da Escritura, seus ouvintes devem encontrar mais do que teorias ou teologia. Eles precisam encontrar alguém que desde o começo estava com Deus, permanece eterno com Deus, criou todas as coisas e que é "Deus conosco".

A Palavra encarnada. Ao tomar a iniciativa de salvar o perdido, Deus esvaziou-Se de Si mesmo e tomou a forma humana,

assumindo nossa natureza e nossa experiência, com o objetivo de erguer-nos com Ele aos lugares celestiais. Para cumprir esse propósito, a Palavra Se fez carne e habitou entre nós (João 1:14).

A Palavra revelada. Sabendo que nem todas as pessoas poderiam ter acesso ao ministério público de Cristo, quando esteve na Terra, Deus revelou Seus segredos aos Seus servos, os profetas, a fim de comunicar Seu amor, Seus propósitos e Sua graça para a humanidade perdida (Amós 3:7). Usando seres humanos terrenos para comunicar conceitos celestiais, a Palavra de Deus revela Seu intento salvador. Somos hoje a extensão desse ministério profético.

A Palavra escrita. A fim de perpetuar o fiel testemunho de suas mensagens, o Espírito Santo de Deus trouxe luz e confiança, mesmo em lugares tenebrosos, pela palavra profética. A mensagem bíblica não é fruto de invenção nem da vontade humana. "Homens santos falaram movidos pelo Espírito de Deus" (II Ped. 1:19-21). Assim, a Bíblia é a Palavra de Deus para nossa vida e a daqueles entre os quais ministramos.

A Palavra proclamada. A pregação da Palavra de Deus é acompanhada de poder. Embora possa parecer ridículo depender da proclamação pessoal na era da multimídia, a afirmação da Bíblia é que a fé vem pelo ouvir a Palavra de Deus (Rom. 10:17). Algo diferente ocorre quando um indivíduo suplica a bênção de Deus sobre seus esforços para comunicar a mensagem divina.

A Palavra salvadora. A Palavra de Deus tem o propósito específico de levar salvação ao perdido (I Ped. 1:23). Tendo sido alimentados pelo corpo e

pelo sangue de Cristo, tornamo-nos portadores da natureza divina (II Ped. 1:4). Deseja você ser mais semelhante a Jesus? Gaste mais tempo alimentando-se de Sua Palavra.

A Palavra educadora. O poder da Sagrada Escritura torna as pessoas mais sábias para a salvação pela fé em Cristo Jesus. A Escritura ensina a doutrina de Cristo, reprova nossa rebelião, corrige nossos caminhos levando-nos de volta a Cristo, orienta-nos a um contínuo caminhar com Jesus e nos capacita completamente para Seu serviço (II Tim. 3:15-17). Todo o ensinamento bíblico tem o propósito de nos ensinar como viver dentro do plano de Deus para nossa existência.

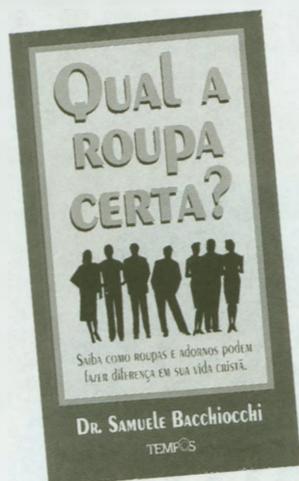
A Palavra autoritativa. Jesus falava com autoridade. Hoje, sua Palavra permanece autoritativa para todos, em todo tempo e lugar. Somos claramente advertidos contra acrescentar ou suprimir algo das Escrituras, incluindo nossas teorias, ou excluindo as claras instruções de Deus (Apoc. 22:18 e 19). Numa época marcada pela resistência à autoridade, a Palavra de Deus permanece como a rocha sobre a qual Seus filhos podem estar firmemente seguros.

A Palavra transformadora. Jesus nos aceita como somos. Mas através do poder transformador da Sua Palavra, Ele nos torna aquilo que devemos ser. Nosso Senhor orou: "Santifica-os na verdade, a Tua Palavra é a verdade" (João 17:17). A Palavra de Deus tem poder para santificar nossa vida. Na verdade, tal é o seu poder que podemos estar guardados de pecar contra Deus, na medida em que nos alimentemos profundamente de seus ensinamentos (Sal. 119:9 e 11). – James A. Cress.

QUAL A ROUPA CER-

TA? – Samuele Bacchiocchi, Editora Tempos, Caixa Postal 54; 13295-970 Itupeva, SP; 185 páginas.

Em todas as épocas homens e mulheres enfeitaram o corpo com jóias, cosméticos e roupas de todos os tipos. Hoje, mais do que nunca, isso é um fato, pois a revolução sexual desenvolveu uma poderosa indústria da moda capaz de impor suas regras com fortes apelos ao sexo, à vaidade e ao ego. Neste livro, o autor mostra que a roupa não faz o cristão, mas o cristão revela sua identidade através daquilo que veste e da sua aparência. Em sua análise, enfatiza o estilo de vida de Jesus, onde a prioridade não era a atração exterior, mas a beleza interna, que o amor a Deus possibilita.



RECURSOS PARA UMA VIDA NATURAL – Eliza

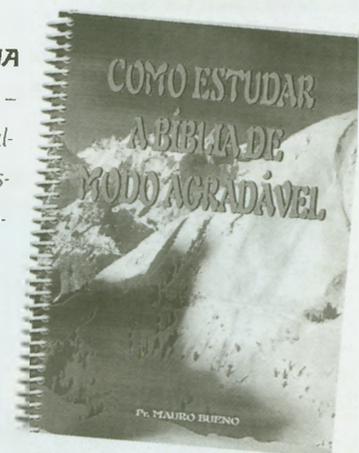
M. S. Biazzi, Casa Editora Brasileira, Tatuí, SP; 296 páginas.

A saúde é um bem de valor inestimável. Tem a ver com o que fazemos. É tão importante preservá-la quanto buscar a cura quando a doença ameaça. Este livro mostra um programa alternativo para uma vida saudável, receitas para a manutenção e recuperação da saúde, e apresenta uma opção de vida natural, com o aproveitamento dos remédios que a Natureza coloca à nossa disposição. Numa época de exploração mística e falsificação do assunto, *Recursos Para Uma Vida Natural* se destaca pelo equilíbrio e fundamento científico de suas orientações.

COMO ESTUDAR A BÍBLIA DE MODO AGRADÁVEL –

Mauro Bueno, União Central Brasileira da Igreja Adventista do Sétimo Dia, Artur Nogueira, SP; 129 páginas.

Estudar a Bíblia é um requisito básico e indispensável para o crescimento do cristão, podendo ser uma das experiências mais agradáveis no dia-a-dia do pastor. Foi justamente com esse objetivo que este livro foi escrito. As sugestões nele contidas podem ajudar o leitor a sair do desânimo e da indiferença para com o estudo profundo da Bíblia, para a alegria e emoção que tal prática pode oferecer.

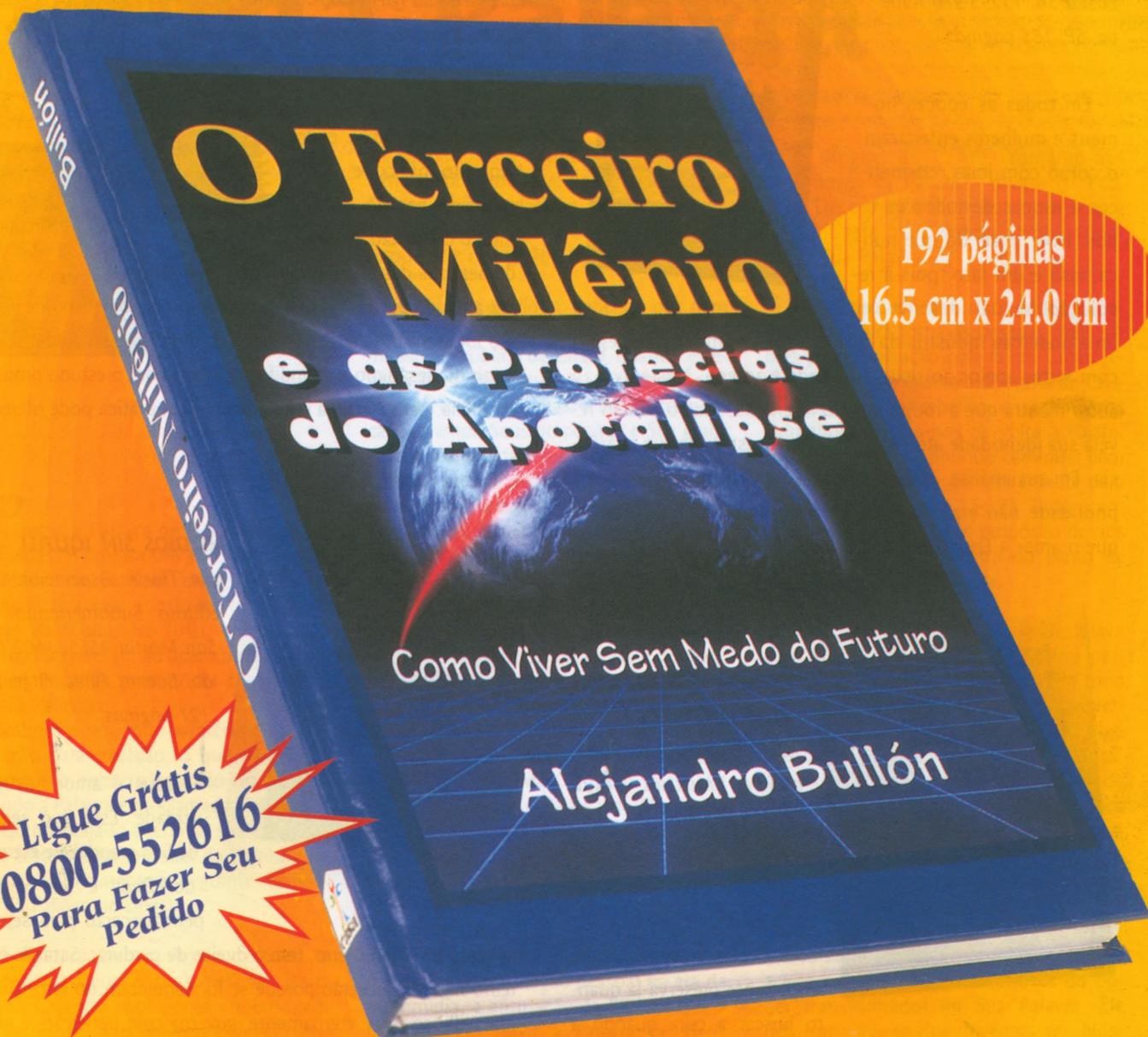


MI DIOS SIN IGUAL! – Ed-

win Thiele, Asociación Casa Editora Sudamericana, Av. San Martín 4555, 1602 Florida, Buenos Aires, Argentina; 127 páginas.

Deus é amor, justiça e verdade. Esse é o segredo de Sua grandeza e eternidade. Deus e Sua verdade permanecerão para sempre. A verdade, e não o erro, tem o direito de perdurar. Satanás e seu reino não prevalecerão porque se fundamentam no erro. Deus é maravilhoso. Vive eternamente, governa com perfeição, é sábio, poderoso, glorioso e bom; só porque é amor. Assim é Deus, conforme Edwin Thiele apresenta neste livro, e com quem o leitor pode encontrar-se.

Adquira o mais novo best-seller da Casa



192 páginas
16.5 cm x 24.0 cm

Ligue Grátis
0800-552616
Para Fazer Seu
Pedido



**CASA
PUBLICADORA
BRASILEIRA**

Caixa Postal 34 - Tatuí, SP - CEP 18270-000 - Tel.: (015) 250-8800 - Fax: (015) 250-8900